

CARLOS LÚCIO GONTIJO



**Menos Olhos,
Menos Chuva
& Grãos de Loucura**



**CLG
1977**



Quando quero fazer poesia dispenso
o conteúdo da erudição acadêmica
e recorro ao berço embalado por
minha mãe.

A vida é uma oração – o caminho
é o terço que debulhamos com
nossos passos.

Vagueio perdido em versos há tanto
tempo que se acaso me encontrasse
não saberia o que fazer de mim.

Todo espírito é canoeiro dos
rios da existência eterna.

Sou do chão de fábrica cultural. Um
simples operário a manusear a argila da
palavra, da qual se faz prosa e poesia.

Primeiro as pessoas se distanciam
por conta própria e, depois, se
surpreendem com o “distanciamento”
intransponível que criaram.

Corro da falsidade, da inveja e da
ignorância (por desconhecimento ou
doutorado), mas para meu azar tudo
isso foi elevado a predicado!

Quem por alguém se muda, está
fadado a não ser ninguém.

Tem gente tão submissa aos opressores
que, diante da lâmina enferrujada da
guilhotina, afia o pescoço!

CARLOS LÚCIO GONTIJO



**Menos Olhos,
Menos Chuva
& Grãos de Loucura**



CLG
1977

Copyright by CLG 2022
Rua Belchior Francisco, 67
Santo Antônio do Monte – MG
CEP 35560-000
www.carlosluciogontijo.jor.br
carlosluciogontijo@terra.com.br

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA:



ILUSTRAÇÕES:

Júlio César Campos

REVISÃO:

Conceição Nina de Oliveira

IMPRESSÃO:

Del Rey Indústria Gráfica & Editora

GONTIJO, Carlos Lúcio

Menos Olhos, Menos Chuva & Grãos de Loucura

Poesia, Frases e Novela

1ª Edição – 2022 – 280 páginas – il.

Santo Antônio do Monte – MG – Brasil





**Menos Olhos,
Menos Chuva**

ANDOR DAS MÃOS

Pela humanidade sofrida
Sem vida nem esperança
Que alcança minha retina
Queria ter menos olhos
Para ser menos chuva
Cansei-me de colher sem luvas
As manhãs ruivas de dor
Raiando sobre o dolorido parto
De quem semeou ao pé do ouvido
Na pressa do andor das mãos
Promessa de amor que não floresceu

Carlos Lúcio Gontijo

Amar o próximo é como
vestir uma segunda pele.

Os que nada semeiam
são sempre os mais gananciosos
na hora da colheita.

DEDICATÓRIA

NINA, cintila em meu coração o
desejo de senti-la para sempre em mim,
como as palavras impressas neste livro!...

Não há prece que agrade mais
ao criador que a família reunida:
cada ente querido é como se fosse
a conta de um terço de oração!...

Quando era criança, minha mãe encontrou
meus primeiros poemas sob o colchão.
Hoje, lá nos cafundós de mim,
continuo a encontrá-los.

PREFÁCIO

“Esta não é uma obra para simplesmente
passar os olhos...”

Norma Raquel Gontijo*

A capacidade intelectual e a sensibilidade apurada são qualidades que fazem de Carlos Lúcio Gontijo um escritor de espírito e coração abertos, elogiado e condecorado por um número considerável de grandes nomes das letras e das artes.

Bueno de Rivera e Carlos Drummond de Andrade encaibeam uma lista especial de admiradores.

Neste livro – Menos olhos, menos chuva –, com o qual comemora “70 ANOS”, o autor pensa o novo, mesclando razão e emoção. O título sugere que lágrimas jorram em menos quantidade e o sofrimento se torna menor quanto mais distante dos motivos que provocam a dor. Ver menos – chorar menos.

Todo texto é um poema. Linguagem pura e vigorosa. Parece sair do fundo da alma e é um convite para o exercício do pensar e encarar o mundo, a vida, os valores éticos e morais. É através das letras que Carlos Lúcio expressa sua existência, sua indignação, seus medos, seus anseios... Daí a certeza de que ele não poderia jamais viver sem escrever por ser um intelectual inquieto e vibrante.

Sua literatura é especialmente voltada para a introspecção, a análise e os motivos sociais e psicológicos.

As palavras surgem com facilidade pouco comum e, segundo Carlos Lúcio, a palavra é “imagem sagrada que carrega com cuidado no andor do coração”.

Há muitos encantos neste livro, além da elegância e clareza de estilo. São poemas perturbadores e desafiadores que despertam as mais variadas emoções. Não se trata de um entretenimento apressado e sentimental, mas são poemas marcados

pela delicadeza que emociona e comove, embora sejam duros e realistas.

Esta não é uma obra para simplesmente passar os olhos. É leitura para ser assimilada com cuidado para absorver as múltiplas sutilezas e mensagens que cada verso oferece. É preciso descobrir a sabedoria escondida nas entrelinhas.

Os poemas de Carlos Lúcio refletem o amor pela família, preocupação com o rumo dos acontecimentos atuais, indignação contra uma sociedade perversa que aniquila o ser humano, espírito crítico, uma dose forte de romantismo, enfim, o livro revela um escritor rigoroso nos pensamentos e meticuloso na arte de escrever.

O grande poeta e prosador relata dramas humanos através da crítica social e descortina o espetáculo da vida com mensagens de protesto, revelando nostalgia e profunda visão do mundo.

Neste 24º livro editado por Carlos Lúcio Gontijo há, sim, um conjunto de ideias geniais. O autor reforça o amor pela família, especialmente pela mãe, valorizando os dotes éticos e morais.

Alguns fragmentos do livro:

- “A esperança se alimenta do talvez
Nesta vida em que tudo acaba
E desaba no era uma vez...”
- “O sol sabe de cor a lição de ser luz
Porém não se cansa de repeti-la com clareza todos os dias.”
- “Analfabetismo político é lâmina sem corte.”
- “Desprovidos de humanidade, os homens são apenas seres”.
- “Em toda e qualquer viagem, a única certeza é o ponto de partida...”
- “Minha casa é de muitas moradas
Alvoradas múltiplas de mim mesmo...”
- “A única cultura ainda viva
É do grão semeado no chão.”
- “Mãe é sempre luz no horizonte da gente
É clava quente que da dor não se esconde.”

- “Prato vazio é sempre cheio de fome...”
- “A miséria cultural que nos é apresentada pela indústria do entretenimento é a nossa maior pobreza.”

Sábias palavras!

Vale a pena conferir e confirmar as mensagens.

Com mais de quatro décadas dedicadas à poesia e literatura (lançou o primeiro livro em 1977) e 24 títulos publicados, o filho de D. Betty e José Carlos Gontijo coleciona títulos, troféus, medalhas e diplomas. E agora nos presenteia com esta obra poética “MENOS OLHOS, MENOS CHUVA”.

() Norma Raquel Gontijo de Melo
Professora-Pedagoga*

A palavra é imagem sagrada
que carrego com cuidado no
andor do coração.

No vazio de amor, na desesperança
e na mais absoluta falta de
perspectivas as pessoas se abrem
a todos os rótulos étlicos...

O Diabo traja a roupa que
as nossas escolhas equivocadas
lhe dão para vestir.

INTRODUÇÃO

Os livros que escrevi (e ainda escreverei) são o meu infinito particular e, ao mesmo tempo, a minha morada pública. Caminho para a velhice levando meus livros debaixo do braço. São filhos de papel tecidos na celulose, ao pé da árvore das ideias. Posso lhes assinalar sem queixas que, das varandas de minha memória, assisto ao ruir do tempo sugando amigos e entes queridos, cujas luzes jamais deixarão de iluminar-me a mente mergulhada na plenitude da saudade, um fenômeno que orna a vida de quem se entregou (de corpo e alma) à missão do exercício de determinado dom, como se deu comigo em minha caminhada na estrada da poesia, da literatura, do jornalismo, escrevendo poemas, romances, novelas, mais de 600 artigos em vários órgãos de imprensa, cerca de mil editoriais, mesmo consciente de que AOS QUE FINGEM ESTAR DORMINDO, NÃO HÁ COMO DESPERTAR.

Só fui escrever o primeiro dos meus seis livros infantis aos 57 anos, pois andava na busca literária de fazer da fantasia uma janela para a realidade. Criança gosta de ser tratada com seriedade; quer ouvir e ser ouvida, não tem compromisso com a etiqueta social e, se não gosta do enredo de uma obra, diz que não gostou – e pronto. Então para errar o mínimo possível, pus-me a tecer literatura infantil com os fios macios da imagem lúdica misturados à lâ áspera da realidade do mundo em que vivemos.

A luz, com toda a sua ligeireza, carrega a frustração de constatar que, em todo lugar que chega, a escuridão sempre chegou primeiro. Não é fácil a sobrevivência no mundo das letras. Sei como é vã a luta de quem tem a obsessão de brilhar acima de todos, esquecendo-se de que (para isso) Deus já criou as estrelas! Ademais, depois de tanta luta, posso afirmar: Sou da poesia e da literatura. Não busco aprovação de multidões, acostumei-me com a luz da imensidão do olhar de poucos.

Na trilha da produção cultural desde 1977, ano em que lancei o meu primeiro livro (Ventre do mundo), sob a natural

preocupação de meu pai José Carlos Gontijo, guardo em mim uma gratidão ensolarada aos diagramadores, aos ilustradores, aos prefaciadores, aos raros patrocinadores, aos amigos/leitores, que sempre me prestigiaram; gratidão também ao olhar de minha esposa Nina derramando claridade de amor, abrigo, compreensão e apoio sobre o meu idealismo, que tantas vezes fraquejou diante de muitos porquês, ao me assistir tragado pela ignorância agressiva e catapultada a louvável predicado, capaz de desqualificar tanto a cultura e seus agentes, quanto o conhecimento, retroagindo à ultrapassada suposição da terra plana.

O que conta mesmo é que, de uma forma ou de outra, posso me dizer bem-sucedido. Caminhei bastante desde o dia em que minha saudosa mãe Betty Rodrigues Gontijo encontrou os meus primeiros versos escondidos sob o colchão da cama em que dormia, aos nove anos, num quarto de casa localizada na Rua Sebastião Gontijo, em Santo Antônio do Monte, cidade do centro-oeste de Minas Gerais.

“Menos olhos, menos chuva” é uma obra poética de quem sabe a dor e o contentamento de enxergar mais do que normalmente se vê – uma profunda visão espiritual deste poeta Carlos Lúcio Gontijo, que permanece jovem aos 70 anos e, ao mesmo tempo, percebe os sinais de finitude da vida, que cotidianamente lhe ensinam: Quando o peso da idade bate à porta, uns dias você passa bem; noutros, passa mal – até chegar o dia em que você deixará de passar!



Toda moldura deve proteger a arte
que resguarda com a leveza de
olhar de mãe acompanhando o
filho na caminhada.



AMANTES NA MOLDURA

Deve ser simples toda moldura
Amparo de berço para a pintura
Pois gravura precisa de proteção
Gentil preparo aos olhos do admirador
Horizonte aberto em flor ao sol
Feito calor de lençol no leito dos amantes
No arrebol de quadro na parede da sala!

Carlos Lúcio Gontijo

A hora da morte é momento
sem registro no relógio da
vida que transforma.



DIAGNÓSTICO TARDIO

Morreu cedo dirão alguns
Descobriu a doença tarde
Outros amigos repetirão
Mas pela parte que me toca
É vão tudo que provoca agonia
Ainda bem que demorou saber da moléstia
Frequentou festas e teve momentos de alegria
Pois viver não é se consolar com réstia
Ser pequena luz em fresta de janela
Vida é arte além do mero ato de sobreviver
Ela nos requer fortes laços e grande trela
Se soubesse da enfermidade no amanhecer
Teria passado toda a mocidade cuidando dela!

Carlos Lúcio Gontijo

Quem assa o pão, alimenta o
corpo e fornece calor às asas
do espírito de seus semelhantes.

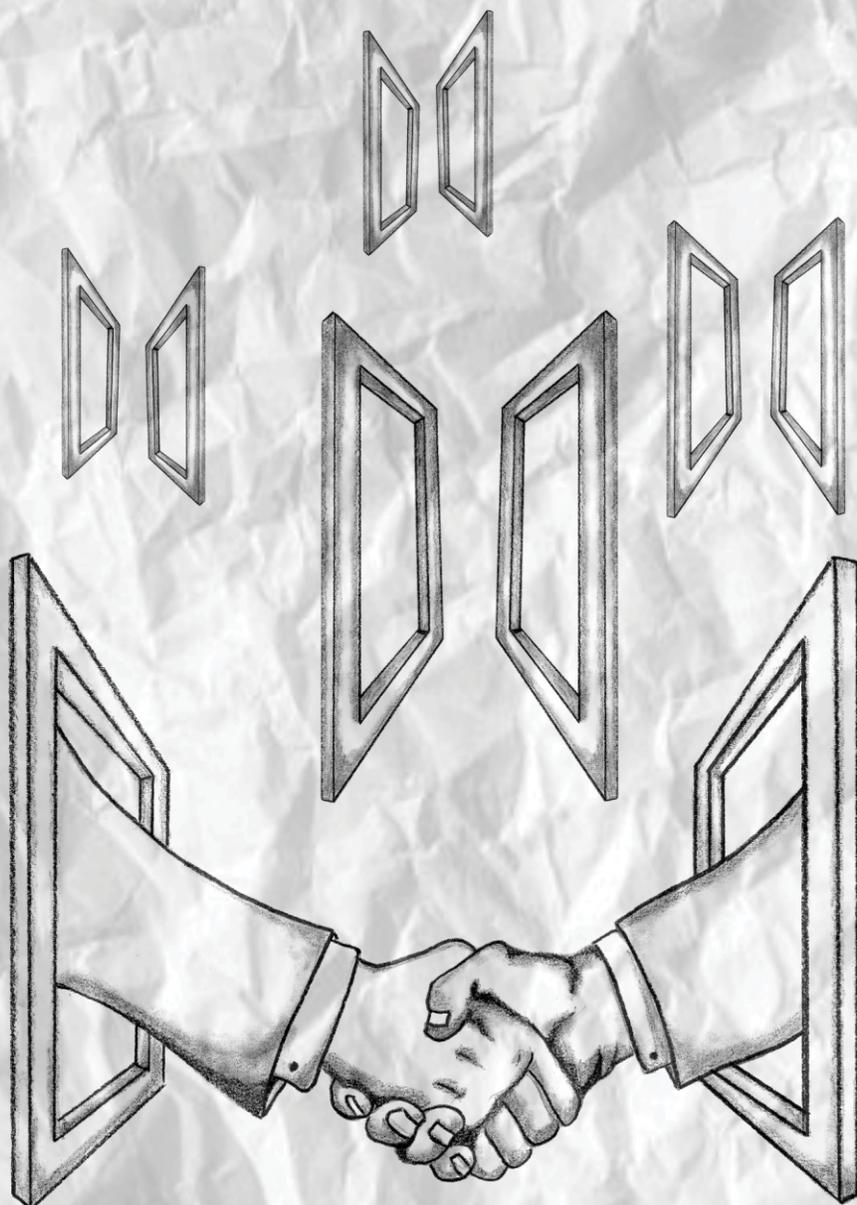


CASA DO PÃO

Minha casa é de muitas moradas
Alvoradas múltiplas de mim mesmo
Um espírito em constante aprendizado
A cada instante recebendo nova lição
Como se viver fosse receituário de pão
A ser assado no fogão coletivo do tempo

Carlos Lúcio Gontijo

**Há reencontros no presente
que servem apenas para confirmar
o desencontro no passado.**



PASSADO NO PRESENTE

Na árvore da vida são muitas as ramas
Facilitando as tramas do destino
Não reclame dos afastamentos inesperados
Dos tormentos das tristes separações
Que muitas vezes são livramentos
Reatamento é sempre horizonte raro
Deixando-nos o ensinamento bastante claro
De que amor do passado no raiar do presente
É sempre presente difícil de desembrulhar-se...

Carlos Lúcio Gontijo

A trilha sonora do meu silêncio
ampara o bater de asas dos meus passos.



TEMPO DE VISITAÇÃO

Espreguiça o adeus em meus braços
O amor é frágil louça quebradiça
Ouça o zeloso silêncio dos meus passos
Articulados ao mutismo da minha boca
Ser-me-ia louca qualquer fala na despedida
E ainda que feche a porta da sala de sua vida
Uma brisa semeada nos vendavais do coração
Sempre colherá em mim algum tempo de visita

Carlos Lúcio Gontijo

A indústria do entretenimento descobriu que nada é mais eficiente para atrair grande público que a promoção do vazio cultural.



BANCA DO MAU GOSTO

A boa arte hoje não vale
Ressoa no ar o som ruim
Põe banca o mau gosto
Que arranca efusivos aplausos
Está no auge a opção pelo banal
Impera a produção meramente comercial
Em vez de versos e pintura na parede
Temos a diabrura da pichação
A única cultura ainda viva
É do grão semeado no chão!

Carlos Lúcio Gontijo

**As pessoas são iguais na dor,
mas atropelam umas às outras
quando estão saudáveis e felizes!**



FIM DE FESTA

Levava a vida em afinada flauta
Em bela ribalta da mais clara luz
Dizia-se fazer jus a tamanha felicidade
Tudo lhe era cheio de paz e alegria plena
O destino se lhe apresentava em fantasia
Consumia sem moderação nem pena
Sequer respondia ou bom-dia dava
Porém a sorte que gastava mudou o refrão
Fazendo-o clamoroso procurar o irmão
Do qual se esqueceu nos dias de festa
À procura de acolhida ao que agora lhe resta

Carlos Lúcio Gontijo

Como as pessoas se bastam em
seu hedonismo, não há espaço
para o semente da pluralidade cultural
no chão árido de suas mentes.

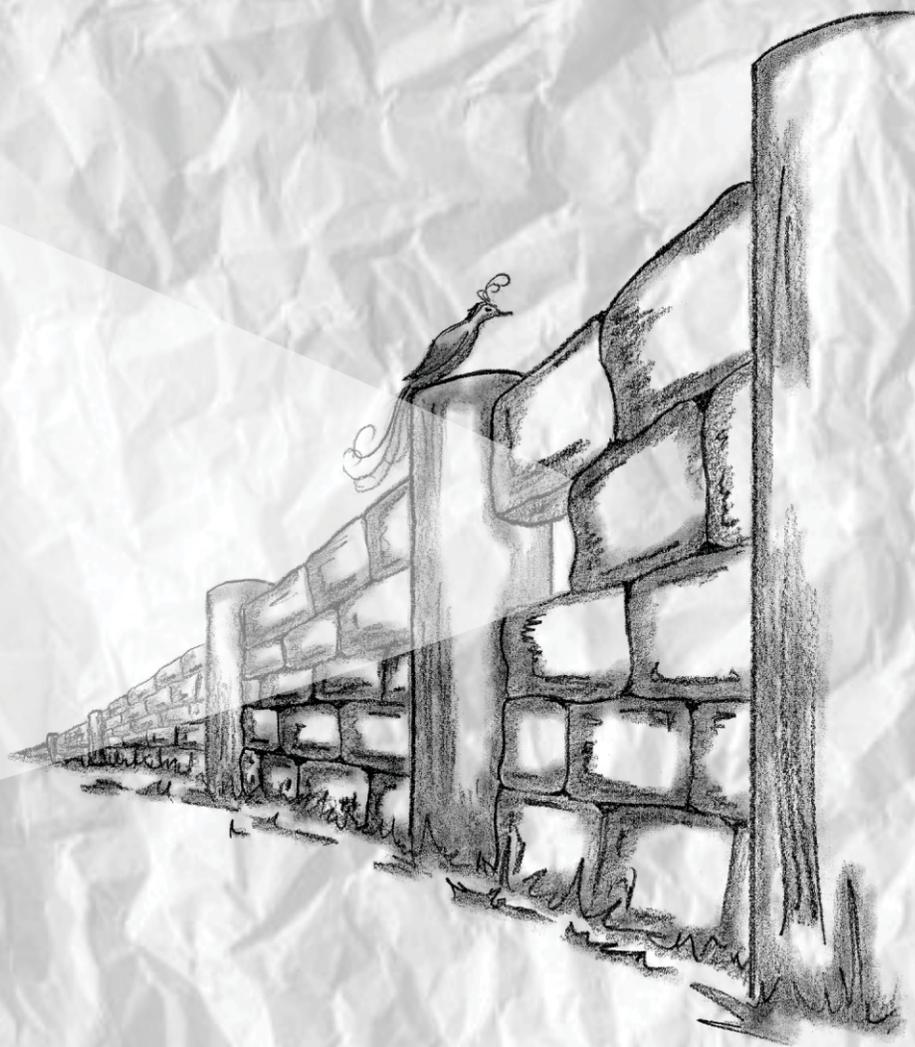


DERROCADA

Muita gente se sente tão poderosa
A ponto de esquecer o ente querido
Como se tudo lhe rodeasse o umbigo
Ou se dinheiro substituísse o amigo
Que sob lamento logo se distancia
Diante da derrocada que principia

Carlos Lúcio Gontijo

**Meus versos são uma fortaleza
imaginária, onde pensamentos rebeldes
encontram abrigo e refúgio.**

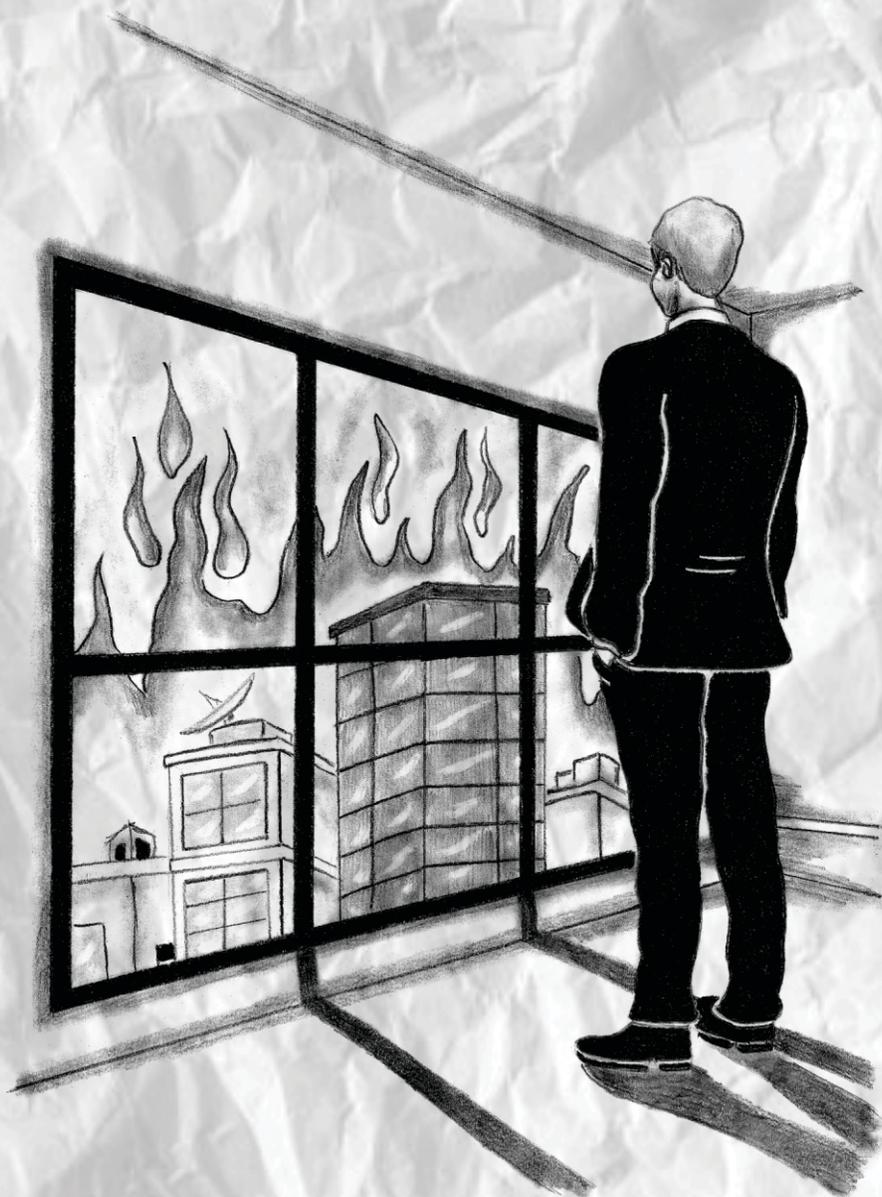


VERNÁCULO

Palavras esquecidas
Impropérios sem guarida
Toda sentença abandonada
E até expressões em desuso
Recorrem ao multiuso dos meus versos
Onde os inversos se encontram
Na construção da frase nova
Real prova da riqueza do vernáculo...

Carlos Lúcio Gontijo

O governo (capturado pelo deus-mercado)
é uma mórbida entidade que age
o tempo todo para nos sepultar em
seu túmulo de inoperância.



O BOM ALGOZ

De Washington nos veio histórico cinismo ideológico
Na forma de consenso lógico do selvagem capitalismo
Pelo qual neoliberalismo escravocrata é a lei do senhorio
Detentor de amplo poderio sobre o império da pobreza
Em cujos braços monta a sua anticristã e cruel riqueza
Sem fazer conta dos trapos sujos da penúria extrema
Proíbe os governos de terem o social como tema central
Vê na miséria trivial dejetos inerentes ao fluir da produção
E as muitas vidas ceifadas por esse draconiano critério
São levadas a cemitério periférico ao som de piano atroz
Como se unção musical tornasse bom o algoz sanguinário!

Carlos Lúcio Gontijo

Eternidade é uma unidade intangível, com a qual medimos o tempo que, ainda que demore, no bem ou no mal, sempre acaba!



ACEIRO

O amor dá sentido às coisas
Sem ele tem-se apenas a dor
E a nada se vê por inteiro
Tudo é vã existência sem cor
Mentira com aparência de verdadeiro
Até estrela pra ganhar cheiro de luz
Precisa cair no aceiro dos olhos de alguém

Carlos Lúcio Gontijo

**Muitos governantes imitam a saúva,
que corta todas as folhas da árvore
como se estivesse a salvá-la.**



O GOVERNO E A SAÚVA

Governo põe rolha na imprensa
Enquanto a saúva corta folha
Silêncio doentio a verdade dispensa
Em festa os “engravatados” comemoram
Desalentado o povo não se manifesta
A sorte providencia nova folha à árvore
Que crescerá sem saber da sombra da morte
Agendada pelo corte burocrático da saúva

Carlos Lúcio Gontijo

A miséria cultural que nos é apresentada pela indústria do entretenimento é a nossa maior pobreza.



MISÉRIA CULTURAL

Distante de boa e sonora composição musical
Sem acesso a uma informação de qualidade
Vazia de poesia abertamente ensolarada
Carente da fantasia de ficção literária
A nossa gente é muito menos que nada
É madrugada perdida no lusco-fusco da escuridão
Sob o clarão de abajur apartado do raiar do dia...

Carlos Lúcio Gontijo

**Não discuta com gente
mergulhada no inferno emocional,
pois terminará atingido pelo
descontrole de suas chamas.**



BRASIL INFERNAL

Objetivando a manutenção de egos em alta
Tem muita gente disposta a dar nós cegos
Que aposta no emaranhado da confusão
Não se permite trazer Deus no coração
E ainda insiste em arrastar-nos às suas chamas
Como se fôssemos ramas a lhe servir de lenha
Para aquecer a ordenha do seu brasil infernal

Carlos Lúcio Gontijo

Na chapa quente do pelourinho
desmancha-se o diálogo da poesia
na sociedade.

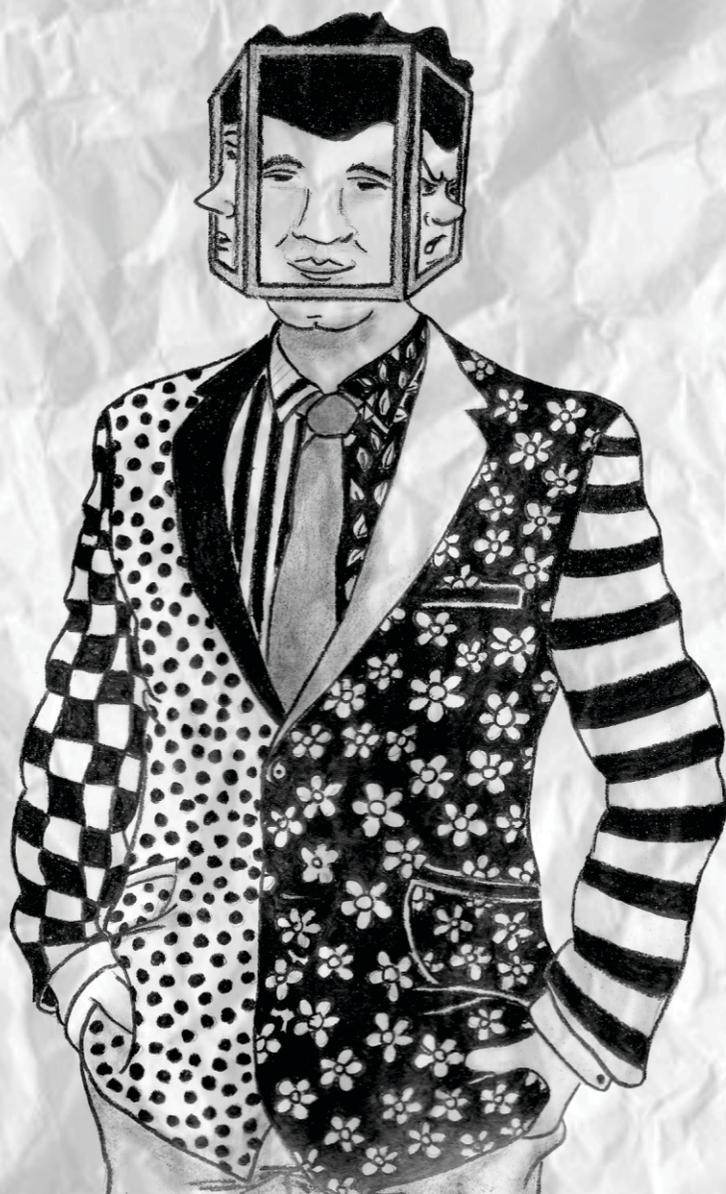


QUIXOTES DE LUZ

Os céus se enchem de archotes
Quixotes movendo moinhos de luz
Ninhos de velas acesas ao anoitecer
Caravelas de estrelas em meio à escuridão
À espera do costumeiro milagre do amanhecer

Carlos Lúcio Gontijo

Há pessoas às quais não nos
competes descobrir, pois nem elas
mesmas sabem quem são!



PONTO CRUZ

Somos grãos estelares
Irmãos de toda luz
Germinamos nos lares
Caminhamos aos pares
Homem e mulher em ponto cruz
Tecendo filhos nos altares
Erguidos nos mares do desejo

Carlos Lúcio Gontijo

**Os poderes da República
fizeram da instabilidade
uma instância natural na
vida dos brasileiros.**



DISCURSO AO POVO

Não acompanhes os meus atos
Beba o champanhe de minha fala
O que faço não se prende aos fatos
Anda e age pela pátria amada
Foge do ultraje governamental
Sou governo sem alma nem coração
Tu és real patrimônio nacional
Pelo trabalho tens o corpo tatuado
Matéria viva em ardente combustão
A alimentar a locomotiva do deus-mercado

Carlos Lúcio Gontijo

**Os que não têm apreço pela
família perdem a condição de
viver amor verdadeiro.**



TUTOR FAMILIAR

A família é centelha divina
É luz sobre a telha de todo lar
Lição de berço que a trilha determina
E quem é ilha sem energia pra doar
Sem desprendimento ou fidalguia
Não será bom condutor nem guia
Como se exige ao tutor familiar
Do qual se espera o raiar do amor...

Carlos Lúcio Gontijo

Tem gente que perde tudo pela
arrogância, mas permanece arrogante
em meio ao pó que lhe restou.



SUÁSTICA INVISÍVEL

Dono de toda circunstância
Senhor da obscura arrogância
A mais pura essência do despudor
Guarda desamor e preconceito de cor
Traz no peito uma suástica invisível
Olhar repleto de ácida soda cáustica
Pra derramar na face plácida do outro

Carlos Lúcio Gontijo

O bonzinho é aquele que
termina “amigo” de todo mundo,
inclusive do lobo mau!



O CONCILIADOR

Independentemente de homem ou mulher
Não é amigo de ninguém
Quem amigo de todo mundo é
Na obra da construção o confronto é norma
Uma forma de enobrecer a missão da escolha
Fonte de separação e muita desavença
Por isso não ponha crença no conciliador
Lembre-se sempre do ditado que prescreve
Que quem a todos servilmente serve
Ao final a todos (igualmente) desserve

Carlos Lúcio Gontijo

Como ninguém domina o dia
de amanhã, toda festa adiada corre
o risco de não mais acontecer.



ÚLTIMO SUSPIRO

Nas asas da fantasia de belo verso
Sobre o universo do altar da poesia
Que se cumpra o desejo ao qual aspiro:
Leveza de poema levando-me o último suspiro!

Carlos Lúcio Gontijo

Há os que se afastam quando
fracassamos, enquanto outros
se distanciam por incontida
inveja do nosso sucesso.



ERA UMA VEZ

O fracasso sempre afasta
Arrasta falsos amigos prum canto
Todo sucesso é desencanto do outro
A inveja noutro manto chora
Roga praga e implora aos céus
A esperança se alimenta do talvez
Nesta vida em que tudo acaba
E desaba no era uma vez...

Carlos Lúcio Gontijo

Quem põe na mão de outros o seu destino, terminará interrompendo seus passos por falta de caminho!



IDEÁRIO

Andarilho roto de cabeça baixa
Na faixa sem brilho do passo alheio
Andava solitário meio às cegas
Sem recheio de ideário próprio
Então veio inesperado temporal
No clarão do relampejar voou o guia
Deixando no chão o tolo que o seguia

Carlos Lúcio Gontijo

Gostaria que adolescente fosse imortal, porque assim seria menos difícil a missão de pai e mãe.



COFRE DE MÃE

A angústia dos pais
Os ais da maternidade
Adolescente nada diz
Apenas sente a revolta
Num tempo em que tudo parte
Sai cedo e volta muito tarde
Arde na insônia o olhar da mãe
Que no sofá da sala sofre
À espera do toque na fechadura
Estoque de alegria guardado em cofre

Carlos Lúcio Gontijo

Nas escolhas felizes as pessoas se vangloriam, mas se tomam decisões equivocadas querem logo dividir seu infortúnio.



O MATERIALISTA

Não faça verso e esqueça a metáfora
O controverso é analfabeto de emoções
Tece canções para conquistas materiais
Infeliz de quem assistir ao seu infortúnio
Escrito em destaque com giz de sangue
Será convidado sem nada ter a ver
A colher as dores que o desalmado semeou!

Carlos Lúcio Gontijo

Todo radical faz da
oportunidade de diálogo uma
simples maneira de agredir.



PRATO DO DIA

Amigo jamais confie
Desconfie do destino
Companheiro sem tino
Que de repente se lhe revela
Sem etiqueta nem vela à mesa
Você se descobre tira-gosto na bandeja
Como se fosse iguaria de sobremesa
E fica na tristeza do ora veja
Ao lado de garrafas de cerveja!

Carlos Lúcio Gontijo

Os autores chegam ao fim, mas
seus livros permanecem por aí,
carregando fins em si mesmos!

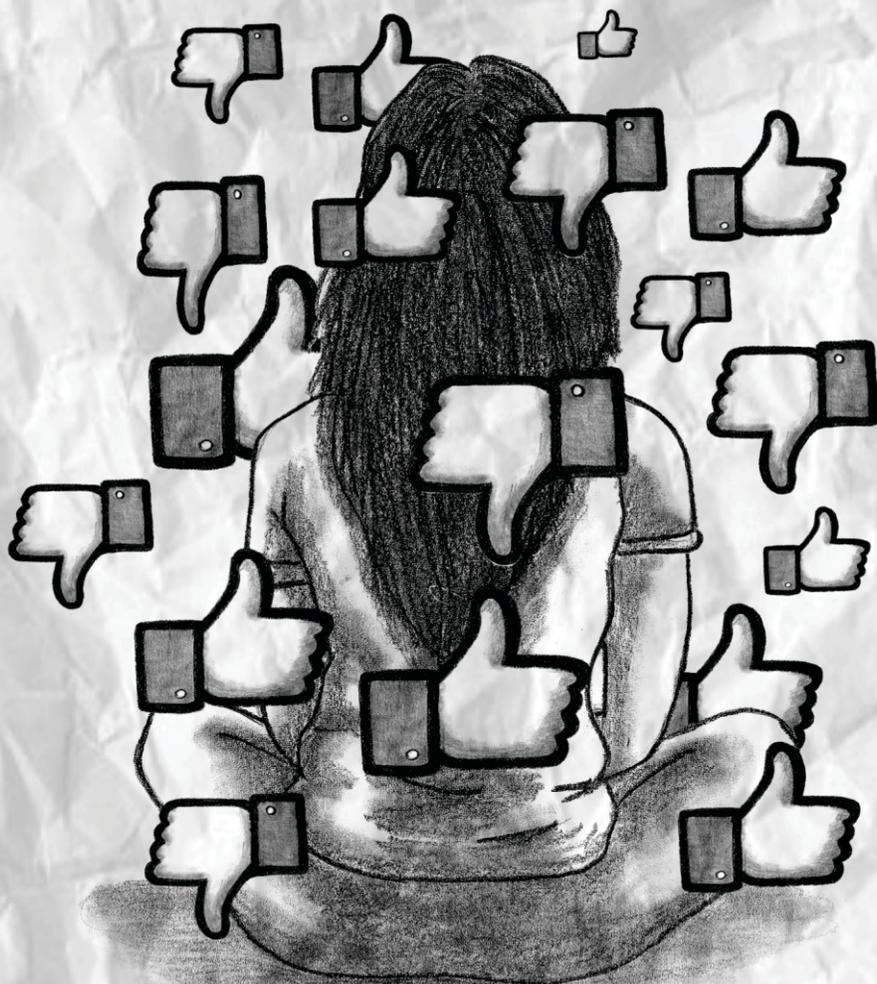


A ARTE DE ESCREVER

Antes de sair por aí a me criticar
Saiba que quem sempre errou
Tem muito mais chance de acertar
Que aquele que sempre acertou
Sem à lavra de livro se entregar...

Carlos Lúcio Gontijo

Não faça de sua vida um
“curtume”, esperando curtidas
virtuais (e materiais) de quem
não é de curtição.



ELEVAÇÃO

Relacionamento não é apenas dividir felicidade
Na maioria das vezes é uma divisão de sofrimento
Tudo é fruto de muito aprendizado e sinceridade
Não há continuidade sem o verdadeiro fermento
Poção mágica a nos elevar do chão ao firmamento

Carlos Lúcio Gontijo

O caminho pertence a quem
concede aos passos a liberdade
de abraçar a caminhada.

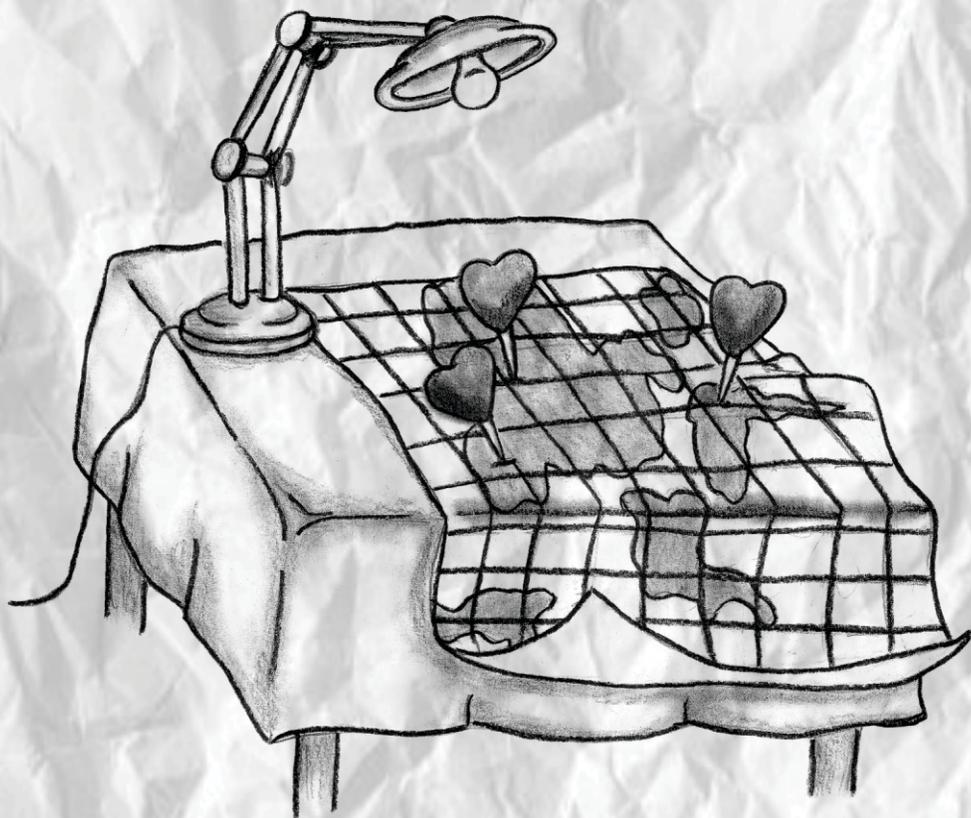


VERÃO DESCONHECIDO

Passo bom se reveste de asas
Bom compasso tem sonoridade
Toda verdade na mentira se perde
Há sempre quem herde maldade
Porque assim quer seu coração
Em solidão caminha a humanidade
Onde acontece o semeio do solitário
Que amanhece num quarteirão qualquer
Em meio a verão que não experimentou

Carlos Lúcio Gontijo

Saudade é triste sentimento
desesperançado, transformando
o nunca mais em tangível
ponto geográfico.



SAUDADE

A saudade é vendaval derradeiro
Que feito coqueiro o peito rebate
Esfolha-me a pele do rosto flácido
Esculpido ao gosto do vento frio
Entra-me pelos poros o tempo antigo
Temporal amigo de todo entardecer

Carlos Lúcio Gontijo

No vácuo do silêncio às nossas perguntas e inquietações, temos o amparo do Criador diante do nada, no qual muitas vezes mergulha a nossa existência terrestre.



FALSO CRISTÃO

O homem é aclamado “gente de bem”
Bajulado por todos pelo dinheiro que tem
Ganhou sorte grande em prêmio de loteria
Agora é consorte nas mesas de decisão
Opõe-se às políticas de apoio ao pobre
Mas é nobre cidadão ao dar esmolas!

Carlos Lúcio Gontijo

As rugas do meu rosto são a
tatuagem da memória de meus
passos no desgaste da minha pele.



NINHO DE VENTO

As rugas que trago no rosto
São chegadas e fugas da vida
Cada tatuagem é ferida curada
Em cada cura um aprendizado
Sol passado em caldeirão quente
Alimentado pelo moinho da alma
Ninho de vento em meu coração

Carlos Lúcio Gontijo

Nada mais favorável a governo
escravocrata que dispor de população
convencida sobre a legitimidade
de sua própria escravidão.



ES CRAVIDÃO CONSENTIDA

O chicote corre insensível e solto
No mar revolto do suor na pele
Nada pior que escravidão consentida
Tratada como coisa natural da vida
Vira som o toque dos grilhões no chão
Numa sonoridade a reboque do costume
Que faz do curtume de corpos no varal
Paisagem estendida no horizonte nacional

Carlos Lúcio Gontijo

O pássaro não voa porque tem
asas, mas pelo fato de morar em seu
coração um incontido desejo de voar.



RAZÃO DE VOO

Coração humano sem amor
É canção sem sonoridade
Vive a realidade de quem não ama
Falta-lhe a chama da paixão
Como o pássaro que possui asas
E jamais se erguerá do chão
Se for escasso de amor no coração!

Carlos Lúcio Gontijo

Assim como toda palavra necessita de vogal para existir, os caminhos precisam de passos a lhes abrir clareiras no chão desconhecido.

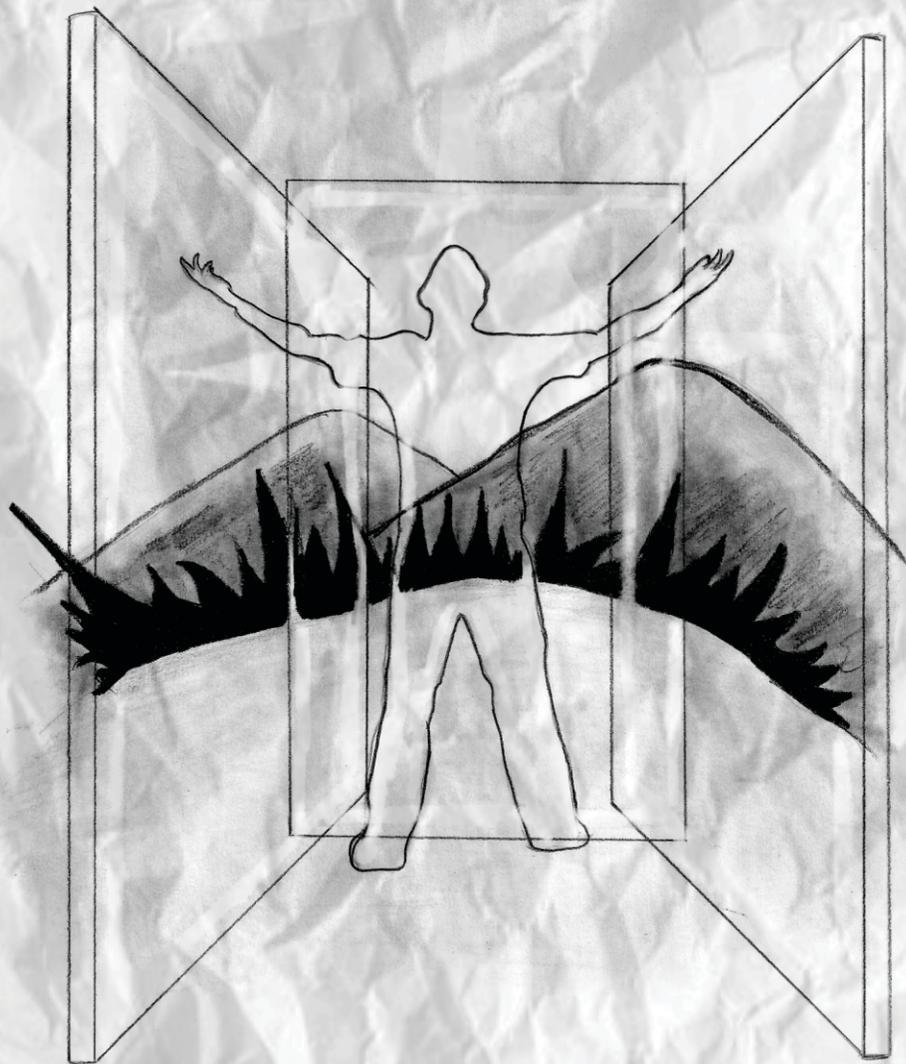


SALA DA LÍNGUA

A ordem vogal alicerça a palavra
Destrava a desordem consoante
Determina a hora radiante da fala
Põe comunicação na sala da língua
E pela mala aberta da conversação
A alma desperta no berço do idioma

Carlos Lúcio Gontijo

**A transparência não nos dá cor,
mas dignifica e enobrece os
painéis de nossa alma.**



“O MENINO DA PORTEIRA”

A solução da miséria está na política social
No bem extirpando o mal da desigualdade
Com certeza é importante a filantropia
Porém mais vale a caridade da chance
Colocando o peixe ao alcance de todos
Em vez de desperdiçar uma vida inteira
Jogando moedas ao menino da porteira!

Carlos Lúcio Gontijo

Saboreamos a doçura da mentira
que nos destrói, ao passo que
rejeitamos a libertação contida no
amargor da verdade.



DOCE MENTIRA

É comum entregarmo-nos à bajulação
Aceitar tapa nos ombros de qualquer um
Fugir dos assombros da sofrida verdade
Abraçando a ilusão fortuita da mentira
Que depois nos atira na vala da realidade

Carlos Lúcio Gontijo

O grau de educação não se mede pelo valor do contracheque, mas pela cultura e pelo sentimento de nação e sensibilidade social.



BOM-BOCADO

Tenho pena de gente preconceituosa
Que exitosa conta tudo o que tem
Pura prosa de cidadão bem egoísta
Portador de racismo com vista pro mar
Como se à espera de evento derradeiro
Um navio negreiro tocado pelo vento
Repleto de bom-bocado da escravidão

Carlos Lúcio Gontijo

Povo, que se comporta como
ovelha, é tratado pelo governo
como se ovelha fosse.

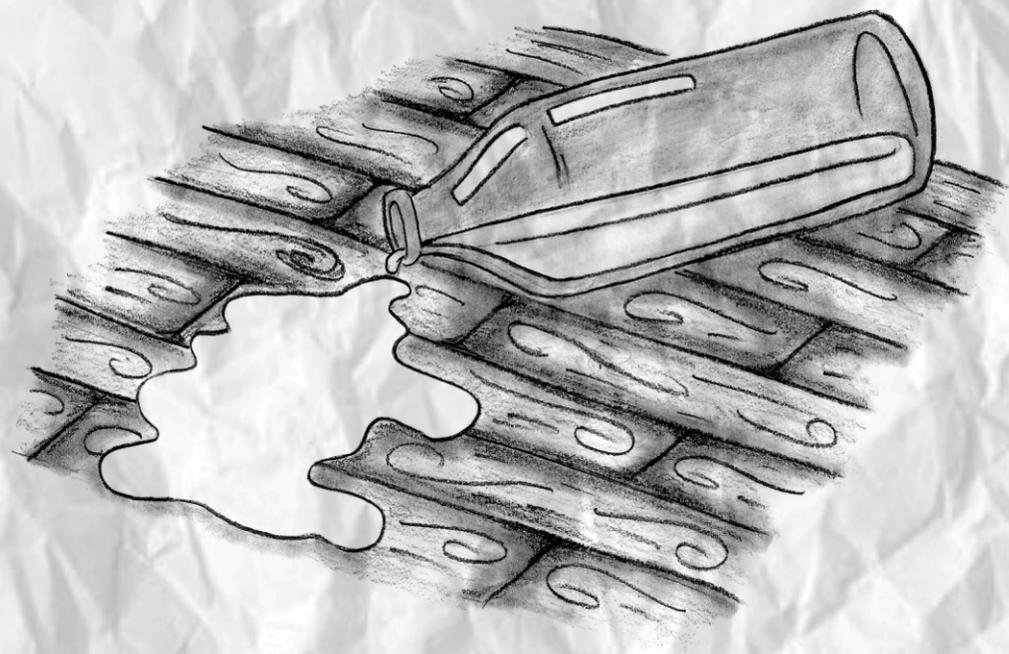


SAGA DO COVARDE

Da ovelha no campo se tira a lã
Do covarde se rouba o amanhã
Quem não cuida da ferida que arde
Cedo ou tarde gangrena o corpo
Que precocemente morto sai de cena!

Carlos Lúcio Gontijo

**Justiça tardia e descoberta
do leite derramado não
servem para nada.**



JUSTIÇA TARDIA

O leite derramado azeda
É peneira que não veda
Goteira em telha quebrada
Algo como justiça tardia
Que chega sem serventia
Incapaz de fazer raiar o dia

Carlos Lúcio Gontijo

Todas as taras e desejos
perversos não passam de
fuga à impotência congênita.



SEPULCRO

Os sentimentalmente impotentes
Tornam-se descontentes perversos
Planejam estupros e toda agressão
Trazem em si a escuridão de sepulcro
Mortos-vivos sem o fulcro do amor...

Carlos Lúcio Gontijo

No vai deixando pra lá,
a gente descobre que
deixou para sempre.



PATRIMÔNIO TOMBADO

Quanto mais o tempo passa
Mais me clareia a massa cerebral
Passei a dar asas ao esquecimento
Sem sofrimento aprendi deixar pra lá
Tudo se ajeita e encontra o seu lugar
Ganhei forma de patrimônio tombado
Não me permito reforma na fachada
Mas admito cara nova do lado de dentro!

Carlos Lúcio Gontijo

Quando a Justiça a si mesma
serve, o povo deixa de fazer
parte de suas preocupações.



MAZELAS CAPITAIS

O juiz que se prende ao ganho
De olho no tamanho do salário
Esquece o sacrifício do operário
Não concede armistício ao povo
Em luta contra as mazelas capitais
Patrocinadoras das celas judiciais

Carlos Lúcio Gontijo

**Vida que não é sonhada,
certamente não será vida vivida!**

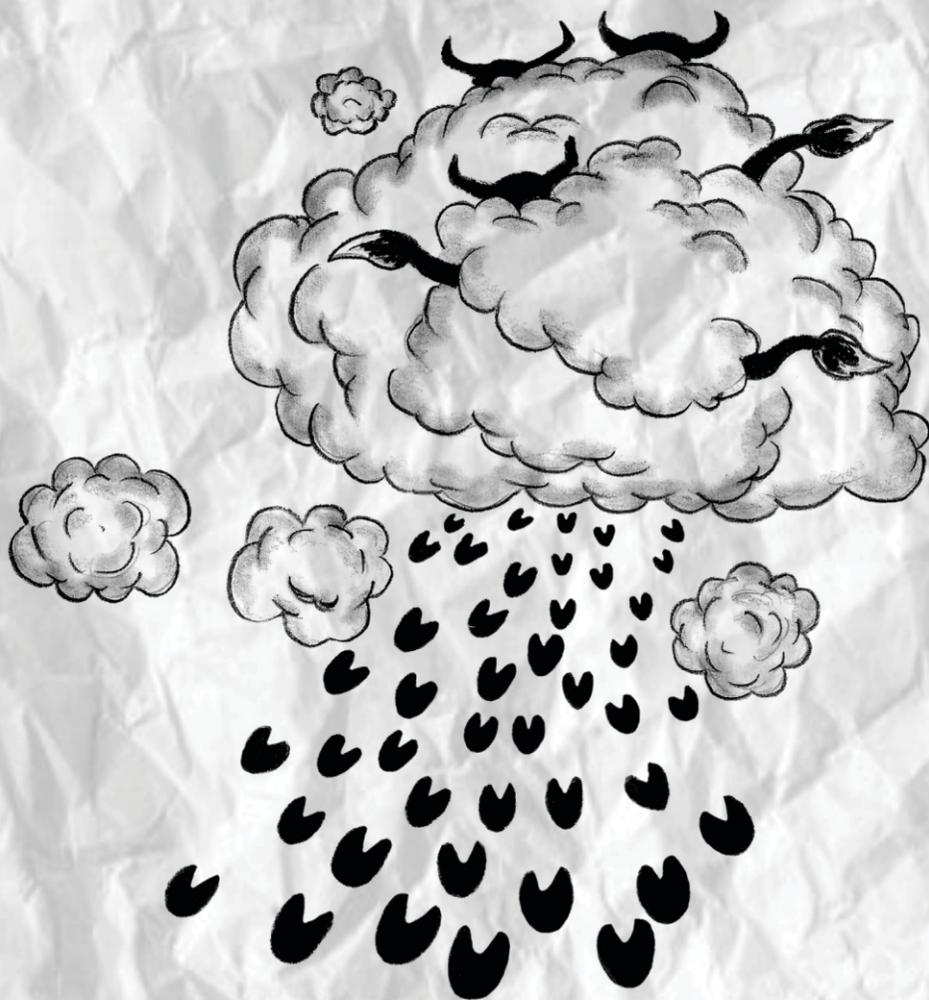


MAMÃO RALADO

Mais que nunca é preciso sonhar
Desejo na mente não ocupa lugar
Precisamos de ondas de mar na retina
Esperança no bailado da menina dos olhos
Doce de mamão ralado no paladar
Porção de mil abraços no peito
Possibilitando-nos outro jeito de caminhar

Carlos Lúcio Gontijo

Quem não enlaça os dias com as
fibras do coração, apenas os vê passar
como se fossem boiada selvagem no
pasto da existência.



PEÃO DE LUZ

Luz do dia é claridade solta a esmo
Luminosidade fugidia difícil de enlaçar
Exige laço feito com as fibras do coração
Única maneira de ser peão estradeiro
Montado no fogo do alazão cotidiano
Campeando o gado cigano de cada dia
Que porfia e se esvai em apenas 24 horas

Carlos Lúcio Gontijo

O ódio não faz parte do meu cardápio emocional, mas do direito de desistir da convivência com o imprestável não posso abrir mão.



PALMA DA MÃO

Não convivo com o amargor do ódio
Excesso de sódio torna salobra a água
A mágoa é incapaz de construir caminho
É pergaminho que não aceita a escrita
E porque minha alma feliz sempre levita
Desejo sorte ao mal que me traz trauma
Sabedor da luz do bem na palma da mão

Carlos Lúcio Gontijo

**Vimos ao mundo com passagem
de volta comprada, mas até a
data de partida temos um
longo trabalho a cumprir.**



AGÊNCIA CELESTIAL

A nossa passagem de volta está comprada
A agência de viagem do Criador patrocinou
Além de ser sina é compromisso de vida
Alcança até o mais frio e omissos dos homens
Porque tudo que é vivo toma sumiço um dia
Sob o caniço da promessa de virar soma na luz!

Carlos Lúcio Gontijo

Oprimido submisso fecha os
ouvidos aos grilhões da injustiça
que arrasta vida afora.



O QUASE MORRER

O mal da dor está na necessidade do tato
Ela precisa do contato para ser sentida
Não é uma vã promessa do mundo virtual
É torniquete que não cessa e é para valer
O sofrimento pode até não lhe matar
Mas o tormento indizível de quase morrer
É tortura que ficará em você por toda vida...

Carlos Lúcio Gontijo

Solidariedade e respeito ao próximo estão para a sociedade como os raios do sol para os horizontes.



PRESENÇA INVISÍVEL

Sem respeito ao próximo nada acontece
O dia amanhece porque a escuridão cede
E da luz radiante explode toda a claridade
À sombra da presença existente na ausência

Carlos Lúcio Gontijo

A boca enluarada da noite
beijou a minha boca; e eu,
envolto em versos estelares,
me despertei poeta!

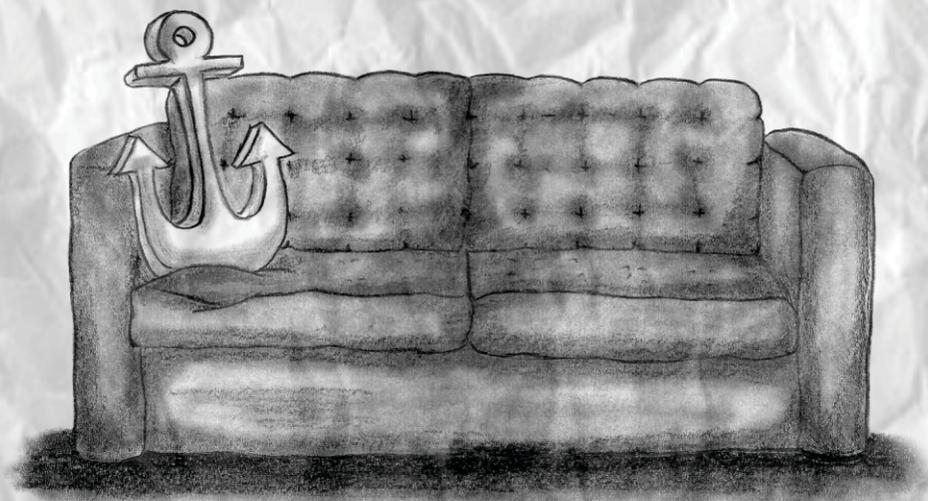


VIOLA ENLUARADA

Para cada mar infinito
Mais bonito outro sumidouro
Todo tesouro tem concorrente
Há perigo iminente por todo lado
De braço dado à minha amada
Uma sonora viola enluarada
Cantarola aos meus ouvidos!

Carlos Lúcio Gontijo

**Minha casa é meu canto neste mundo,
onde muitos velejam sem encontrar canto
de cais para ancorar.**



MISANTROPIA

Minha casa é miraculoso topo do mundo
Onde misantropo realizo o feito particular
De fazer do meu humilde lar e feliz recanto
Antídoto debalde contra o desencanto acre
Destilado pelo intragável vinagre da fraude

Carlos Lúcio Gontijo

Minha casa é meu altar,
é nela que as luzes benfazejas
do Universo têm o costume de
me procurar no réveillon.



TRIGAL DOMÉSTICO

Minha casa é para mim uma espécie de igreja
É nela que me escondo de quem me apedreja
Recebo a benfazeja luz divina que me protege
Ponho-me a salvo de todo desprezível herege
E se distante do meu abrigo alguém me encontra
Saiba que minha alma lateja a saudade do trigal
Que abundantemente viceja no chão do meu lar

Carlos Lúcio Gontijo

**Não vale a pena manter amizade
com quem não nos estende a mão na
caminhada, como se tudo se resumisse
numa rodada de cerveja.**



INIMIGO CORDIAL

O inimigo cordial está em constante ação
Numa mão a etiqueta formal da intimidade
Na outra alguma maldade bem encaminhada
Para nos distanciar do sono na madrugada...

Carlos Lúcio Gontijo

As comemorações natalinas e de fim de ano devem ser pautadas na simplicidade de manjedoura preparada para receber o tempo novo.



BÊNÇÃOS DO NATAL

Antes de qualquer comemoração ou festejo
Natal é sobretudo adejo esvoaçante de anjo
Flamejante arcanjo protetor das famílias
Que radiante sobre os lares voeja
E a cada pessoa deseja o pulsar da união
Paz infinita a banhar as batidas do coração
Humildade de manjedoura na esteira da mente
Tesoura verdadeira capaz de podar egoísmos
E fazer misto de santo cada homem em pecado
Cristo multiplicado no manto do nosso gesto!

Carlos Lúcio Gontijo

A janela do meu quarto me espera
ansiosamente, como se o horizonte de
minh'alma fosse sua única paisagem.



GRAMADO DA PAISAGEM

Meu amor vasculha as compras do mercado
Como quem procurasse agulha no palheiro
Alguma prenda que ao certo não comprou
Um sonho esperto que lhe escapou pela janela
Fico risonho a lhe observar sem ter o que fazer
A não ser tentar entregar-me isolado sentinela
De tudo e qualquer doce amanhecer inesperado
Que o meu amor coser no gramado da paisagem

Carlos Lúcio Gontijo

Desprovidos de humanidade,
os humanos são apenas seres.

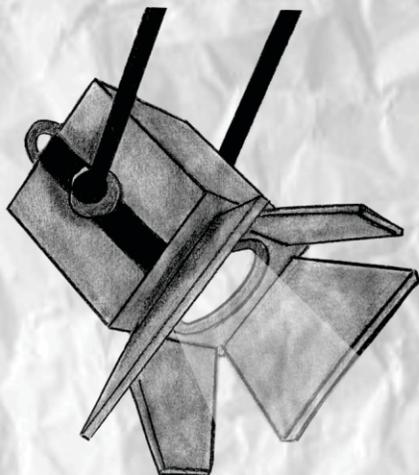


APOCALIPSE

Tira-me o sossego e o sono
Ver o mundo tão desumano
Tanta arrogância e tanto trono
É muito dono e tanto rei
Patrono é o que não nos falta
Na alta perversidade dominante
Assisto a tanto apego material
Que chego a pensar no instante final
Quando Deus não terá alma pra levar

Carlos Lúcio Gontijo

Orientada por sua própria vaidade, a raça humana propôs um Deus carente de palanques, palcos, altares, seguidores e adoradores, como se não passasse de celebridade qualquer.



CULTO NA TEVÊ

Deus não quer nossa oração
A canção de que ele mais gosta
É a nossa aposta no trabalho
O pleno exercício do livre-arbítrio
Agasalho e aceno para o irmão
Pois toda reza é espécie de atalho
Pra dizer que o Criador é falho
E muito erra à terra não descer
Para comandar culto na tevê...

Carlos Lúcio Gontijo

**Estenda as mãos aos que permanecem
caminhando nas atribulações e não
aos que a elas se entregam.**



MISSA PRA ALMA

Quem se entrega à preguiça
Perde a premissa da ajuda
Pode pedir missa pra alma
Pois da vida perdeu a palma

Carlos Lúcio Gontijo

**A mãe já é mãe ao conceber o filho,
ao passo que o pai depende de registro
cartorial e explícita atitude paternal.**



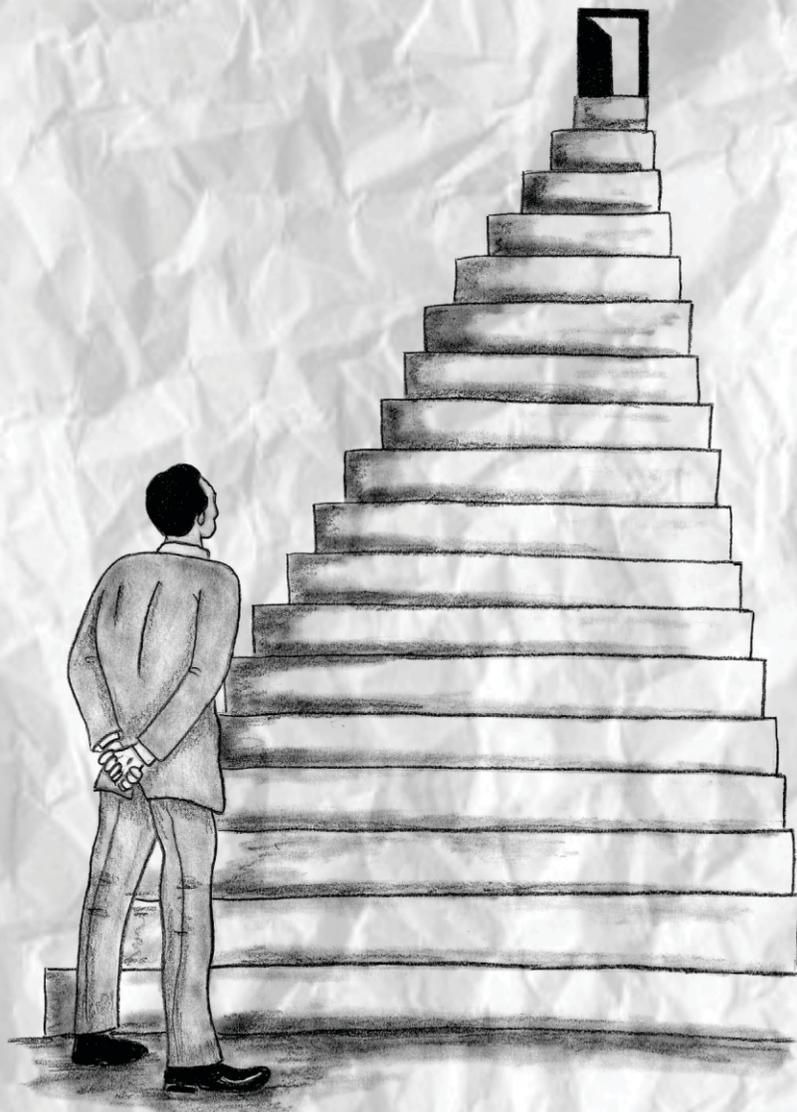
**(*) Toda vez que viajo, meu pai (97 anos) vem
me visitar um dia antes. É como se viesse
me entregar seus passos para viajar comigo.**

SEIO DE PAI

Quando eu saio para semear
Um raio de luz prepara o semeio
É meu pai com sementes no embornal
Que revestido de espírito maternal
Age como se tivesse generosos seios
Alimenta todos os veios da terra
Então sem receios lanço o grão ao solo!

Carlos Lúcio Gontijo

Os que são viciados na busca
de facilidades tornam-se
prisioneiros das dificuldades.



DESRESPEITADORES

Há os que querem driblar a lei
Insistem em ludibriar a fila
Pois lhes cintila no coração
A vocação para o desrespeito
Trazem no peito a triste distorção
De ver inferioridade em todo irmão!

Carlos Lúcio Gontijo

O sol sabe de cor a lição de ser luz,
porém não se cansa de repeti-la com
clareza todos os dias.



SAIS DE LUZ

Nunca reclame de sua rotina
Ela lhe determina o perfil humano
Dá-lhe singularidade ao pano da pele
É fuga ao risco do desconhecido insano
Repetir aquilo que se sabe fazer
Ou ser responsável pelo que nos cabe
Muitas vezes nos abre a porta do conforto
Servindo-nos de porto ao bem-estar natural
Feito o sol que se esconde ao anoitecer
Mas retorna no amanhecer seguinte
Preservando o requinte do milagre esperado
Ao sobrepor céu nublado e muitos temporais
Obcecado por cozer os dias nos sais de sua luz

Carlos Lúcio Gontijo

Não interessa ao aprendizado do espírito apenas o conhecimento superficial – seu objetivo é a absorção de tudo que lhe reforce o alicerce de luz!



ALICERCE DO ESPÍRITO

Nosso espírito sempre se alimenta de luz
Faz jus à sua proximidade com o Criador
Tem no amor a sua mais pura energia
Semeia alegria no deserto da desesperança
Para que colhamos a lembrança distante
Verdadeiro diamante no lapidar do coração

Carlos Lúcio Gontijo

Amigo é o providencial sapato laceado, que nos chega quando nossos pés se acham cheios de calos na dura caminhada da vida.



VIOLA DA VIDA

Amigo é como água de rio
A nos lavar o fio da alma
Livra-nos a sangue-frio do perigo
Diz eu sigo quando ninguém seguiria
Amigo aparece se a felicidade porfia
Cantarola a alegria de um samba
Devolvendo-nos o som da viola da vida

Carlos Lúcio Gontijo

Irmãos e irmãs são raios de luz
gerados pela mesma estrela-mãe.



FOTOS DE FAMÍLIA

Minha estimada irmã e irmão querido
Onde estiverem comigo vocês estarão
Nossa mãe é hoje uma estrela no céu
Mesmo na escuridão eu consigo vê-la
Ela me estende alegre sua mão de luz
 Enquanto reluz em seu olhar divino
 O mural bailarino de fotos da família

Carlos Lúcio Gontijo

Depois da faca pronta sempre
aparecem os palpiteiros e os
especializados em decoração de cabo.



DIREITO AUTORAL

Para toda faca pronta
Devidamente amolada
Usurpador logo desponta
Cheio de conversa fiada
Jura ser famoso decorador
Promete dar cor ao cabo
Desde que assine como autor!

Carlos Lúcio Gontijo

Há quem faça do descaminho o seu
caminho, como se (na intimidade) a
escuridão fosse fonte de claridade.



PIANO INTOCADO

No canto opaco da escuridão
A solidão de um velho piano
Afastado do plano musical
Como Pedro longe de Portugal
Esconde desejos entre fantasmas
Perdeu o bonde e o trem da história
Traz na memória o Chopin que não tocou

Carlos Lúcio Gontijo

Aniversário não registra propriamente data de nascimento, mas a alegria e o agradecimento pela dádiva da vida.



ANIVERSARIANTE

O desejo se multiplica
Na lâmina da paixão
Pouca coisa se explica
Em meio ao calor do verão
Age em silêncio o adversário
Em mutismo nos vem o aniversário
Fantasiado de estuário de nova era
Prisioneiro de primavera que passou

Carlos Lúcio Gontijo

Casamento é laço cordiforme de
corpos, miraculosamente embrulhados
em papel impresso nos altares da
alma dos amantes.



LONA DA PAIXÃO

Casamento é a soma de horas de vida
Os minutos de um no aroma do outro
Dois seres juntos n'outro morando
São como poemas pousados no papel
O véu da noiva ao noivo encobre
Numa nobre magia trivial do amor
Que abandona o escudo de proteção
E se joga inteiro na lona da paixão!...

Carlos Lúcio Gontijo

**Cuidado para não ser bode
expiatório de ninguém: não seja
penico de merda alheia!**



ESPANTOS

Não há como escapar das armadilhas da estrada
Das ilhas do encontro das águas da existência
Mas cuide para que seus mortos sejam seus
Não atenda aos apelos tortos de gente esperta
Que só desperta quando movida pelo mal
Vê o semelhante como caricata figura banal
Bode expiatório para os seus erros de cada dia
No qual enfia goela adentro a covardia dos espantos

Carlos Lúcio Gontijo

**Na pedra, o Diabo é crack;
se refinado, é cocaína, mas se
entregue na planta, é maconha!**



VÍCIO

Na concha da mão se carrega o vício
Cavalo bravio de crinas muito fartas
Que faz dilatar as meninas dos olhos
Desenha sulcos no horizonte da paisagem
Para que o viciado tropece na viagem...

Carlos Lúcio Gontijo

Toleramos o frio rigoroso dos invernos e nos sucumbimos à falta de lareira em nosso coração.



PEDRA NO CAMINHO

Quão dura é a nossa vida terrena
Se pedra plena não nos atinge a ferida
Ficamos estressados à espera da pedra
Que na fome atual e pratos malpassados
É exercício mental de certa previsão
Como a existência do precipício na cordilheira
Ou a lareira de fagulha fria no coração sem amor

Carlos Lúcio Gontijo

**As injustiças e as discriminações
sobrevivem porque os beneficiados se
sentem detentores de mérito natural.**



MORTOS-VIVOS

Assombrações vagueiam no casarão antigo
Príncipes que enterraram o umbigo no trono
Ainda se sentem donos do histórico lugar
Acreditam que rei não perde a majestade
Assim desviam da suprema realidade
Transformam a vida em ficção de cinema
E entre o dilema de ser ou não ser
Firmados no divino poder dos reis
Reivindicam o mérito leonino da eternidade

Carlos Lúcio Gontijo

Em toda e qualquer viagem, a
única certeza é o ponto de partida.



MINAS NÃO HÁ MAIS

Sei do passo no ponto úmido de partida
Temo o confronto com as expectativas
O desaponto com os encontros incertos
Mas se as Minas são muitas e tantas
Como plantas de vidas em construção
Talvez nada mais haja entre os tijolos
Triturados nos monjolos Gerais da poesia

Carlos Lúcio Gontijo

Guerras e confrontos sanguinolentos
são o sanatório voluntário dos
que se julgam mentalmente sãos.



O FIM

No intervalo raro da guerra
Eu que tão pouco falo
Mais me calo no bombardeio
Que acerta em cheio o irmão
Numa lição sem armadura
Da mais pura dor do FIM

Carlos Lúcio Gontijo

Burocracia é o ordenamento legal projetado para ser demorado.

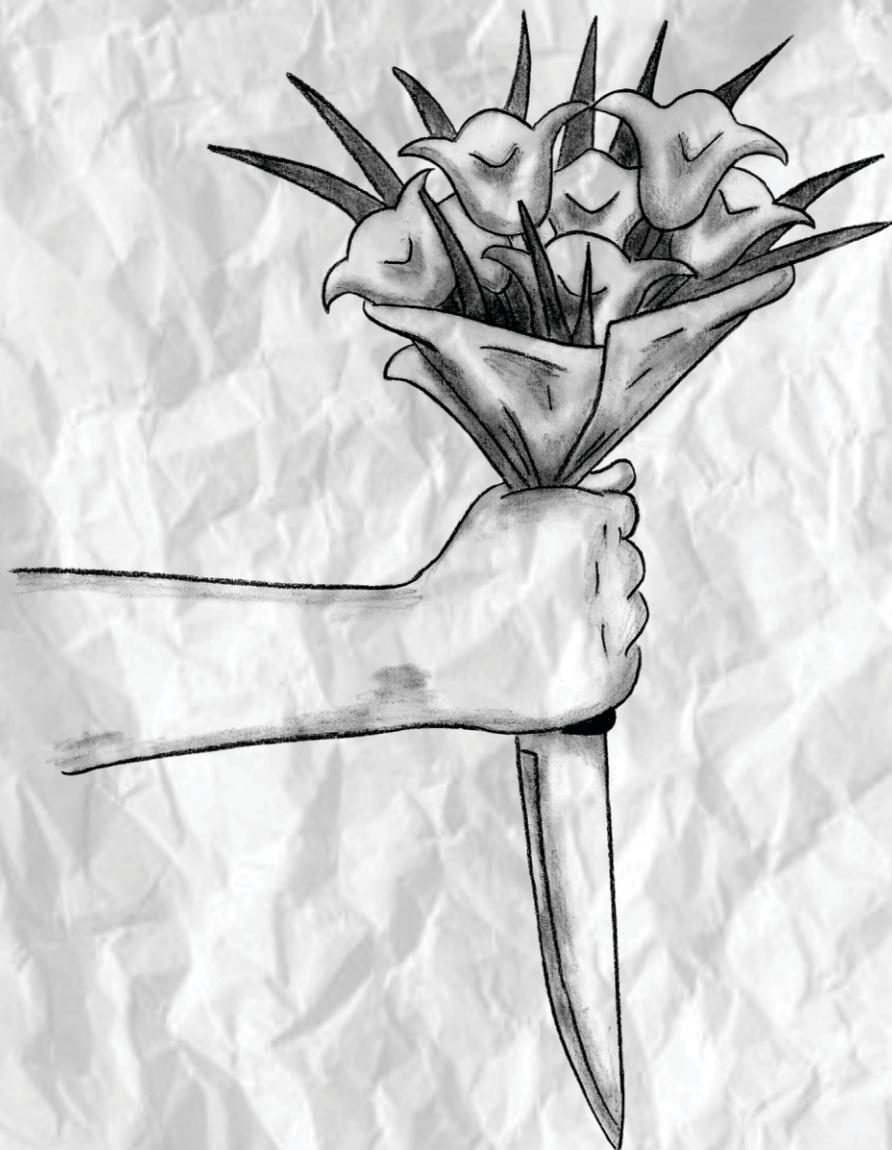


BUROCRACIA

Extorsão no palmo de terra
Assalto no preço do caixão
Sobrepço no custo do velório
Dormitava a papelada no cartório
Sob o conforto da secular burocracia
Numa triste letargia normativa confessa
Todavia (morto) João não tinha mais pressa!

Carlos Lúcio Gontijo

Pessoa falsa é como ouro de tolo.
Insiste tanto em brilhar, que
acaba revelando-se!

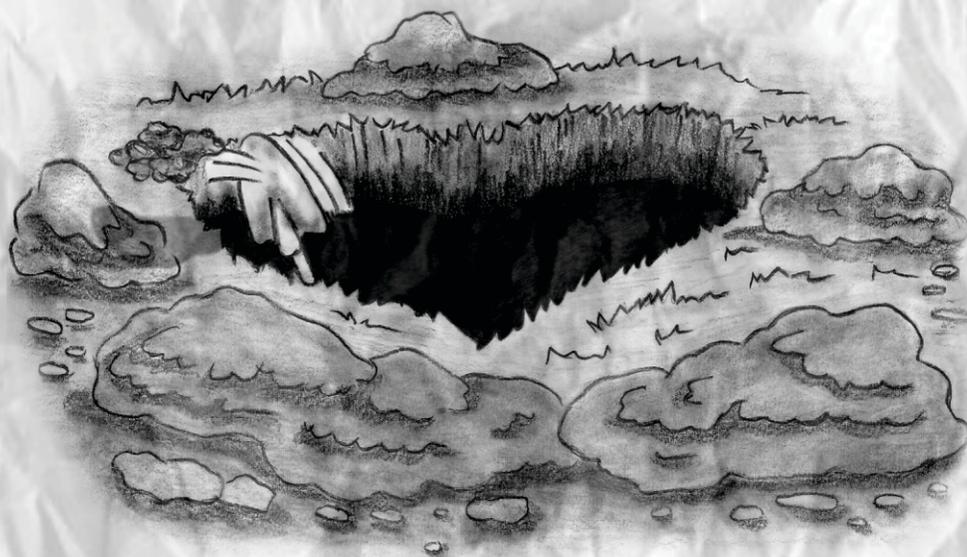


OURO EM VÃO

Não é ouro mas brilha e enfeita
Se bem se ajeita parece tesouro
A beleza vem de dentro pra fora
Adora a face de gente resolvida
Que enfrenta a vida com altivez
Pessoas com joias de alto valor
Não garantem o ardor da atenção
Ao passo que a paixão em chamas
Desfila sob a reluzente bijuteria
No pescoço da moça da periferia

Carlos Lúcio Gontijo

Saudade é lembrança escavada
nas profundezas do coração.



OLHAR ETERNO

A saudade floresce na perda
Está no que não se esquece
Cresce com o passar do tempo
E a gente se põe a pensar
Que nada se esvai nem morre
Pois Deus sempre nos socorre
Através de energias de conforto
Pregando que no porto do olhar
Ninguém realmente está morto

Carlos Lúcio Gontijo

Gratidão habita a memória
daquele que não se esquece do
calor da mão de quem enxugou o
pranto que lhe salgava o lábio.



GRATIDÃO

Gratidão é o sentimento maior
Fermento que dá sentido ao ato
Que de fato baliza a fraternal ação
Ao morar no coração agradecido
Pelo sol espargido ardentemente
No horizonte incandescente das mãos

Carlos Lúcio Gontijo

**Insanas entidades filantrópicas:
lutam contra governo voltado para
os pobres e (depois) saem a campo
para contenção da miséria.**

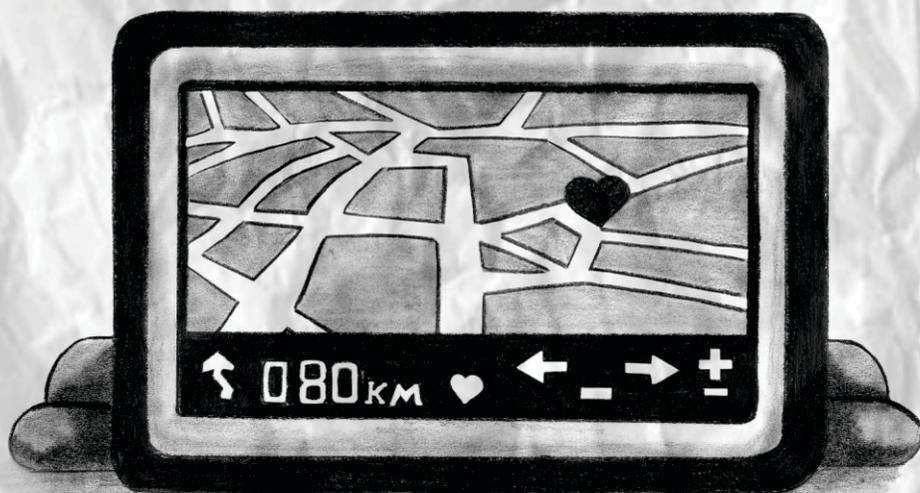


ALICERCE DA RIQUEZA

A esmola deveria ser casual
Ao invés de frugal rotina
Que não tira o pobre do inferno
Nem leva o nobre doador ao céu
Assento reservado na eternidade
Aos que realizaram a caridade
De sobrepôr à desigualdade capital
Matéria em que se estrutura a riqueza
Que faz alicerce da miséria de muitos

Carlos Lúcio Gontijo

Os casais que se amam têm
nas batidas do coração o seu
“GPS” natural de localização.



OLHAR DE CÂMERA

Meu coração vasculha como radar
Transforma-se em fagulha de calor
Quando o meu amor desejo achar
Não importa onde a amada esteja
O olhar de câmera pulsante lateja
E de repente seu lábio quente me beija!

Carlos Lúcio Gontijo

**Depressão é enfermidade do espírito
que se sente prisioneiro no plano
terrestre, como se houvesse perdido
o horário do trem da existência.**



HORÁRIO DE MÃE

Mãe é sempre luz no horizonte da gente
É clava quente que da dor não se esconde
Abrigada no escudo maternal segue adiante
Faz levantar se o filho é por acaso maltratado
Dá brilho de estrela às incertezas da vida
Mantém a mão estendida o tempo todo
Por saber que contratempo não marca hora
Implora por céu de brigadeiro para sua prole
E não há quem a console se o filho tarda chegar
Como se tivesse perdido o velho trem das onze!

Carlos Lúcio Gontijo

Remorso é veneno que a
pessoa constrói e consome em
si mesma, como quem devora
as próprias vísceras.



DESESPERANÇA

Saiba que não a quero
Também não a espero
Sou mero espectador
Da flor que você não é

Carlos Lúcio Gontijo

**A maciez do travesseiro está
diretamente relacionada com a
leveza da paz de consciência da
mente que sobre ele repousa.**



TAPERA

Minha alma pede travesseiro banhado em talco
Alvissareiro álcool a inebriar o palco do amor
Maciez de vento passageiro a refrescar meu leito
Algum efeito salutar a me compensar a espera
Guardada em tapera erguida no deserto da solidão

Carlos Lúcio Gontijo

Maldade não concretizada é sofrimento real para quem foi alvo do atentado.



SAFRA DE DOR

O mal prometido já está feito
Sinto-me agredido pela palavra
Que me semeia safra de dor no coração
Para que eu colha o grão do desamor...

Carlos Lúcio Gontijo

**Analfabetismo político e radicalismo
aniquilam o poder de mobilização
da sociedade, abrindo espaço aos
vilipendiadores da nação.**



ÚLTIMO SUSPIRO

Analfabetismo político é lâmina sem corte
Morre no cinismo crítico da falta de norte
A sociedade se radicaliza em proposta vã
E o amanhã fenece em aposta sem lastro
Que esmaece como astro em suspiro final!

Carlos Lúcio Gontijo

Onde prosperam o racismo, o
preconceito, o ódio e o desamor, o
Diabo ergue o seu reino.



COMBUSTÍVEL DO DIABO

O Diabo odioso abana o longo rabo
Dando cabo às falsidades reluzentes
Recruta mentes mergulhadas na escuridão
Pega pela mão os pecadores contumazes
Aclamados azes da maldade e podridão
Capazes de garantir calor ao seu fogão

Carlos Lúcio Gontijo

Somente quem andou junto pode
padecer da solidão de andar só.



CORAÇÃO FELIZARDO

O amor é passo
Chumaço de luz
Quem por ele é caminhado
Reluz ao ser pisado
Fica marcado igual chão
E descobre que quanto mais tatuado
Mais felizardo é o coração!

Carlos Lúcio Gontijo

**Amar é desprender-se de si mesmo,
ao ponto de (por amor) aceitar a morte
por quem se ama.**



MORADA DO AMOR

Amar é desprender-se contente
Tal qual uma estrela cadente
Mudar livremente de céu e lugar
Noutra gente bem longe morar
Ciente de que o amor é semente
Dependente de outra pessoa...

Carlos Lúcio Gontijo

O que são as ruas, se não amostra
viva da memória de meus passos.



MORTE LENTA

Meus passos indecisos são o voo da minha alma
Pavimentação espiritual das ruas em que passo
Ritual espontâneo de quem nada tem de seu
Nesta vida de instantâneo perecer a cada instante
Numa entrega constante de células mortas ao vento
Até a morte final do corpo às portas do tempo certo

Carlos Lúcio Gontijo

Poucos leem livros ou mesmo um artigo de jornal. A maioria se guia pelas manchetes dúbias e muitas vezes mentirosas.



O LIVRO E A ESTRELA

Livro está para a mente como estrela para o céu
Quem não lê em si não semeia a semente da luz
Sem autodeterminação segue aquele que o seduz
Muitas vezes é enganado pela bijuteria reluzente
Revestida de ouro por sua alma de gente simples!

Carlos Lúcio Gontijo

**A família é meu universo imediato –
uma extensão estelar de mim mesmo.**



MENU DA EXISTÊNCIA

Entre os meus eu me ponho livre à mesa
Família é incerteza prontamente aceita
É frugal seita divina que me evangeliza
Receita maternal de como se viver junto
Atua como teia a me proteger das quedas
Como se fosse paraquedas aos meus voos
Em meio ao menu amargo-doce da existência

Carlos Lúcio Gontijo

O ódio sincero nos fere menos
que a amizade fingida.

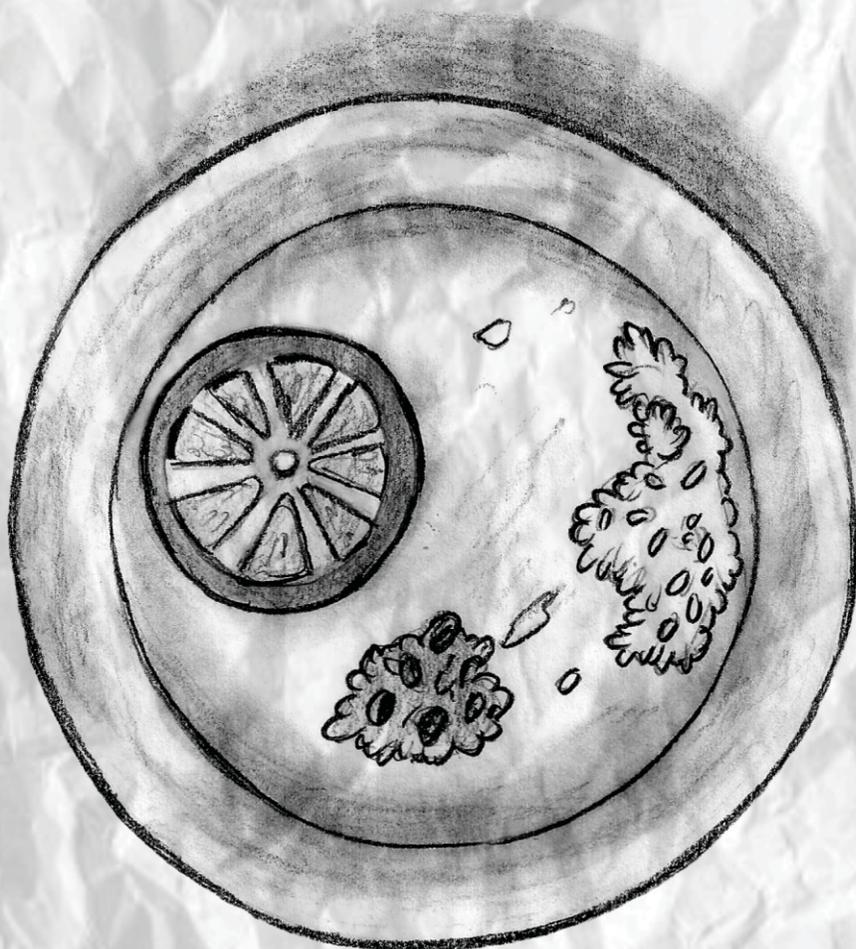


ESTRELA MORTA

O ódio confesso nos deixa de sobreaviso
Fere-nos menos que falsidade sem aviso
A luminosidade do espaço sideral é diversa
Vem até de estrela morta imersa na escuridão
Da qual nos chega clarão irradiado há anos-luz
Tudo neste mundo tem serventia determinada
É no detalhe da árida amplidão do nada sem fim
Que se encontra a porção concreta de todos nós

Carlos Lúcio Gontijo

Preocupado com os pratos vazios,
o esquerdista saiu em busca de
alimento, enquanto o direitista
cuidava de eliminar os talhares
por falta de uso.



HOMEM INVISÍVEL

Prato vazio é sempre cheio de fome
Iguar rio sedento que perdeu a fonte
Ou horizonte distante dos raios do sol
Homem faminto se torna ser invisível
Perante o requinte da sociedade insensível
Sem olhos para os clamores do pedinte...

Carlos Lúcio Gontijo

**Os horizontes nos mandam
mensagens de luz todos os dias.
Uns, as recebem, outros permanecem
na escuridão de si mesmos!**

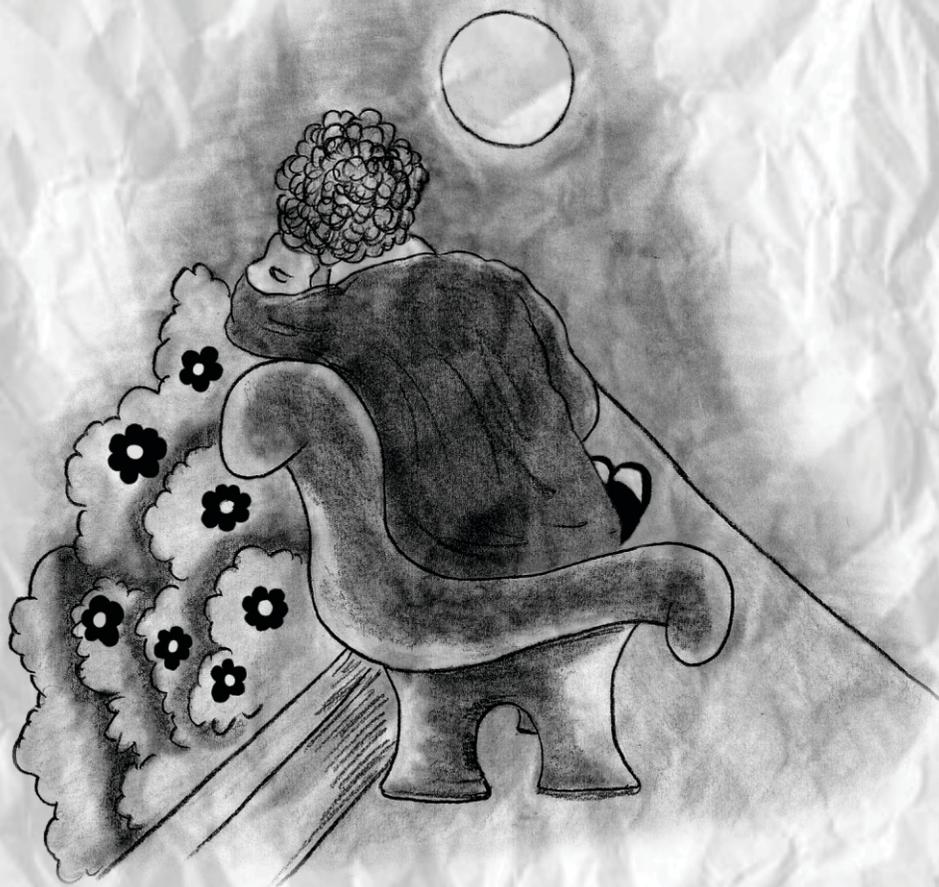


CASSINO DA VIDA

Somos fiéis horizontes receptores do universo
Proprietários e tutores de tudo ao nosso redor
Aos nossos cuidados floresce ou morre o jardim
Somos nós os lançadores dos dados do destino
Absorvedores finais do abúlico cassino da vida

Carlos Lúcio Gontijo

O solitário é bom vigia. Não por ser exímio observador, mas pela esperança de se encontrar no outro.



VIGILANTE SOLITÁRIO

No abandono de si mesmo o solitário vigia
Sabe das sombras e das luzes sem dono
Percebe as alegrias e cruzeiros da vizinhança
Reconhece a desesperança no olhar da moça
Alcança a poça d'água no olhar da mãe chorosa
Enquanto narra em prosa o sal do sol de cada dia

Carlos Lúcio Gontijo

**A poesia e os sonhos chegam
primeiro que os passos ao lugar
escolhido pela nossa razão.**



SALÕES DA INFÂNCIA

A poesia e os sonhos são ligeiros
Sempre são os primeiros a chegar
Preparam-nos o palanque da vida
Afastam-nos do achaque inimigo
Capricham nos enfeites e no aroma
Enchem-nos de balões e bala de goma
Como se nos salões da infância perdida
Livrássemos dos porões da insegurança!

Carlos Lúcio Gontijo

**A luz do horizonte não busca
clarear o que temos; seu objetivo
é iluminar o que somos!**



CONFORTO DA ALMA

O que temos pouco importa
Não conforta o nosso coração
Somos filhos-irmãos de toda luz
Nossa alma traja capuz na escuridão
E se extasia na calma da claridade...

Carlos Lúcio Gontijo

O cotidiano político age para
afastar a cultura das questões
prioritárias da cidadania.



TIRANIA

A política é causa de prejuízo social
Quando perde o siso da consciência
Tratando gente como mero detalhe
No entalhe de projetos curtidos na tirania
Onde não se conta o respeito à cidadania

Carlos Lúcio Gontijo

Perdão que nos rouba a tranquilidade emocional ou a paz espiritual, tirando-nos o senso de justiça, não deve ser concedido.



NAS MÃOS DE DEUS

Perdão é sempre um ato difícil
Nossa alma aconselha a questão
Se nos retira o chão do sentido
Jamais deve ser então concedido
Pois nós somos seres imperfeitos
E talvez sejamos mais aceitos pelo Criador
Quando Lhe repassamos a dor desatinada
À procura de justa e abençoada decisão!

Carlos Lúcio Gontijo

É inexplicável que pessoas do “bem”
e entidades dedicadas à evolução
da fraternidade apoiem políticos
opressores dos mais pobres.



MISERABILIDADE

Gente contra a igualdade social
Aponta a filantropia como o ideal
O pobre apenas expia e não morre
A mão da esmola logo o socorre
Não o tira da velha miséria secular
Mas faz da miserabilidade o seu lar

Carlos Lúcio Gontijo

Em casa de gente descalça, tire os sapatos ao entrar; respeite a opinião alheia e guarde o discurso para o seu próprio palco!



GENTE DESCALÇA

Respeite a condição do outro
Existe luz noutra patamar social
A cal na fachada indica humildade
Use sua mente como balsa de afeto
Não seja cobra a picar gente descalça!

Carlos Lúcio Gontijo

Só tenho a minha poesia e desencantos
à minha procura, mas se recebo
notícia de amigo que feliz caminha,
eu me sinto caminhando.



RESTO

O verso às vezes é puro reverso
O que não sou no outro está
Mas tudo o que converso
É maneira verbal de me achar
Meu amor é semente de universo
E de mim (inteiramente) o que restou!

Carlos Lúcio Gontijo

Há pessoas tão pequenas que são capazes de se nos apresentar bem menores que a sua própria pequenez!



PEQUENEZ

É grande a pequenez humana
Que aos sentimentos empana
Que engana ao bem-intencionado
Que deixa de lado toda emoção
Que na oração finge muita dor
Como se ludibriasse ao Criador!

Carlos Lúcio Gontijo

No abraço apertado do
amigo verdadeiro, desapertam-se
os nós da vida.



BALCÃO DA FELICIDADE

No reino pronto da amizade
Abraço é ponto de encontro
Tristeza é belo conto de fadas
E servem-se risos sem desaponto
Até a gente ficar alegremente tonto

Carlos Lúcio Gontijo

A beleza da carranca é determinada
pela extensão de sua feiura.



RIO SÃO FRANCISCO

É mais feliz quem o mal arranca
Cortando a maldade pela raiz
Quanto mais feia mais bela a carranca
Que protege a embarcação de todo risco
E perigos da correnteza São Francisco afora!

Carlos Lúcio Gontijo

Muitas vezes descubro em mim,
na janela do espelho, as
cicatrices que não percebo.



JANELA DO ESPELHO

Desconheço o caminho do cavalo do tempo
Resvalo em mim mesmo na sanha da procura
 Não estribo nem chego o relho
Pois fica em mim o desaconchego da dor
 Meu rosto no quarador do espelho

Carlos Lúcio Gontijo

Quando os amigos se vão, toda
beleza da paisagem vai junto...

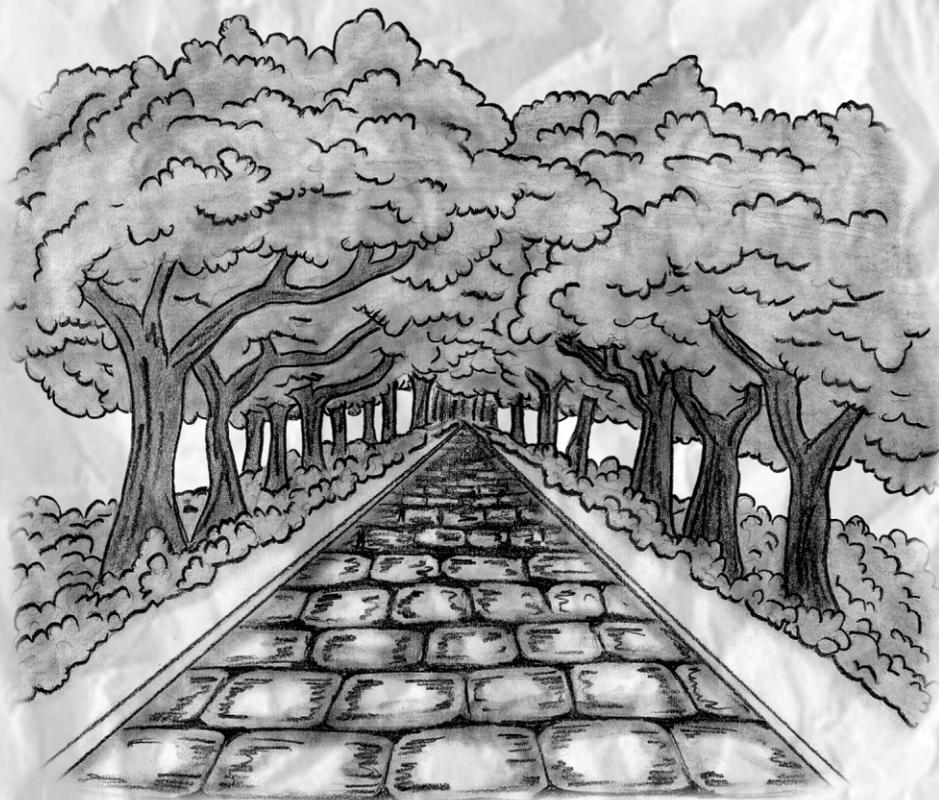


PILÃO DO TEMPO

De repente a banda não toca
O tempo a tudo soca no pilão
Enruga o rosto, o corpo, a mão
Todos têm solitária viagem marcada
A paisagem é outra sem os amigos
E ninguém cancela tão matreira sina
Na praça o casarão pincela nova era
Quando tudo passa é a janela que fica!

Carlos Lúcio Gontijo

**Pelo sim, pelo não, trate de construir
a sua própria eternidade, por
intermédio de atos sadios junto à
família e aos amigos, pois a vida
eterna aos desígnios de Deus pertence.**



ETERNIDADE HUMANA

O mistério da eternidade a Deus pertence
Mas com a força natural de seus braços
Você pode construir uma duração humana
Deixar porção de sua existência na sociedade
Por meio da clara consistência de seus atos
Numa ação tecida em benefício dos outros
Que glorificarão seu breve ofício terrestre
E cheios de saudade darão vida ao seu nome
Tal qual a eternidade prometida por Jesus Cristo

Carlos Lúcio Gontijo

Ser nome de biblioteca dá ao autor homenageado o sentimento de se ter transformado, simbolicamente, em abrigo e refúgio para muitos livros.



BIBLIOTECA DO CORAÇÃO

O Instituto Maria Angélica de Castro
Deu à sua biblioteca o meu nome
Num gesto que me toca feito astro
Que como estrela me ilumina e consome
Na crina do fogaréu de alegria galopante
Estendo-me em céu de radiante gratidão
Com imensidão de luzes no crivo da eternidade
Onde redivivo (entre livros) bate meu coração!

Carlos Lúcio Gontijo

Sem o apoio civilizatório da cultura, os conteúdos educacionais se transformam em ferramentas de aprimoramento da violência.

A arte é horizonte para os olhos de nossa alma no plano terrestre.

É fácil escravizar o trabalhador numa nação (como o Brasil) em que 44% da população não leem e 30% nunca compraram livro!



BIOGRAFIA

Tendo como patrono Guimarães Rosa, possui assento na Academia Mineira de Belas Artes – AMBA. É membro da Academia de Letras do Brasil-Mariana (ALB-MARIANA), onde ocupa a cadeira número 15, que tem como patrono o poeta Bueno de Rivera; integra a entidade cultural internacional Poetas del Mundo; é membro da Academia Santantoniense de Letras (ACDSAL) e correspondente da Academia de Letras de Teófilo Otoni (ALTO).

Premiado com o troféu Carlos Drummond de Andrade (Itabira, 05/06/2010 – 45ª edição do evento). Nos meses de março e abril do ano 2000, expôs no Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos (ICBEU) e no Shopping Norte (no Bairro Venda Nova/Belo Horizonte) poemas colocados em moldura (“Telaescrita”, segundo batizou a mostra).

Foi presidente da Associação Mineira de Imprensa (AMI), no triênio 2002/2005, e dá nome à biblioteca do Instituto Maria Angélica de Castro (IMAC) e à Biblioteca Comunitária do Bairro Flávio de Oliveira, em Santo Antônio do Monte. O seu romance Cabine 33 foi indicado e adotado em dois vestibulares (2005 e 2007) da Faculdade de Administração de Santo Antônio do Monte (FASAM).

É cidadão honorário das cidades de Contagem-MG (por indicação do vereador Arnaldo de Oliveira) e Santo Antônio do Monte (por iniciativa do vereador Luís Antônio Resende).

Trabalhou durante 30 anos no jornal DIÁRIO DA TARDE, onde foi revisor, supervisor de revisão, secretário de página, articulista, editorialista, subeditor e editor de Opinião. Passou, ainda, pelos seguintes jornais: Proeste, Diário de Minas/Jornal de Minas, Hoje em Dia, Tribuna de Mariana (do qual foi editor) e pela publicação Fogos em Revista (editor).

No dia 24 de setembro de 2011, foi contemplado com a “Comenda do Grande Oriente do Brasil-RJ”, pela Academia Maçônica de Artes, Ciências e Letras do Rio de Janeiro. Detém o “Prêmio Mérito Literário Poeta Antônio Fonseca”, elevada e significativa honraria criada pela Academia Betinense de Letras (ABEL), prestigiada entidade cultural da cidade de Betim/MG.

No dia 20 de outubro de 2011, foi contemplado com o Diploma de Honra ao Mérito pela Loja Maçônica Mestres do Monte. Em dezembro de 2011, recebeu a Medalha de Mérito Literário da Academia de Letras do Brasil-Mariana, Aldrava Letras e Artes e Inbrasci. É membro do Conselho de Redação da Revista “eisFluências”, editada em Lisboa/Portugal (<http://www.eisfluencias.ecosdapoesia.org>).

No dia 26 de novembro de 2015, foi agraciado com a “Medalha do Mérito Cultural Professor Miguel Eugênio de Campos”, outorgada pela Associação dos Amigos do Centro de Memória Municipal de Santo Antônio do Monte.

Foi contemplado com premiação nacional da Revista “zaP!” (do estado de São Paulo) denominada CEM MAIS, nos anos de 2010 e 2015, pelo trabalho realizado no âmbito cultural. Elaborou prefácios para os livros de poetas e escritores como Adlei Duarte de Carvalho, Ieda Alkimim, João Silva de Souza, Regina Morelo, J. Estanislau Filho, Leonildo Miranda Araújo, Sebastião (Tião) Henriques, Clélia Aparecida Souto e Couto (a primeira professora do autor), Luiz Cláudio de Paulo e Maria Ortélia de Castro Melo.

Em 22 de outubro de 2016, em Itabira/MG, recebeu o Troféu Expressão Literária Machado de Assis. Um ano depois, no dia 6 de novembro de 2018, veio a grande homenagem “Prêmio Academia de Letras de Teófilo Otoni: Troféu Isaura Caminhas”, na modalidade: conjunto de obra literária. Nos dias 06 e 07 de

junho de 2019, o Festival de Literatura de Santo Antônio do Monte (FLISAMONTE) teve como enfoque a sua obra, envolvendo toda a comunidade escolar e cultural santo-antoniense.

No dia 16 de setembro de 2019, recebeu “Moção de Aplausos” da Câmara Municipal de Santo Antônio do Monte – MG. No dia 16 de novembro de 2019 tomou posse na Academia Mineira de Belas Artes (AMBA), em Belo Horizonte.

Foi agraciado, no dia 06 de março de 2020, com o Prêmio Cidade de São Pedro da Aldeia de Literatura e a Comenda Luislinda Valois, pela Associação Internacional de Escritores e Artistas (Literarte).

Em setembro do ano de 2020, recebeu da Associação Internacional de Escritores e Artistas (LITERARTE) diploma e medalha Poeta Fernando Pessoa, além de inserção de dois poemas de sua autoria na “Antologia Fernando Pessoa & Convidados”, com a participação de poetas, escritores e cronistas brasileiros e portugueses.

No mês de outubro de 2020, foi honrado com a “Medalha Prêmio Gonzaga de Carvalho”, uma realização cultural da Academia de Letras de Teófilo Otoni (ALTO).

No dia 25 de novembro de 2020, a Editora Mágico de Oz o contemplou com a “Medalha Cecília Meireles” e inclusão de seu artigo “A bênção, negra Carolina!” na antologia “Melhores do ano de 2020”.

É “Destaque Literário 2021” pela Editora Mágico de Oz, ano em que recebeu a “Medalha Escritor Mágico”, também da Editora Mágico de Oz.

Seu nome integra a “Galeria dos Imortais LITERARTE”, no Castelo County de Petrópolis/RJ, inaugurada em 24/09/2021.

Mais informações e dados podem ser buscados no site do autor (www.carlosluciogontijo.jor.br).



Pessoas amargas, preconceituosas e prisioneiras de si mesmas são um perigo quando embalam suas frustrações nas redes sociais.

A pessoa casa e descasa; é batizada e muda de religião; toma posse e renuncia – mas se lança um livro, é para sempre!

Chega um tempo em nossas vidas no qual trocamos olhares de despedida com tudo o que vemos ou nos vê!

OBRA LITERÁRIA E POÉTICA DE CARLOS LÚCIO GONTIJO

www.carloslulciogontijo.jor.br

- **Ventre do Mundo** (Poesia – 1977)
- **Leite e Lua** (Poesia – 1977).
- **Cio de Vento** (Poesia – 1987).
- **Aroma de Mãe** (Poesia – 1983).
- **Pelas Partes Femininas** (Poesia e prosa – 1996).
- **“Coletânea”** (Editada em dois volumes, no ano de 1998, contendo os cinco primeiros livros do autor).
- **O Contador de Formigas** (Romance e poesia – 1998 – 1ª edição; 1999, 2ª edição).
- **O Ser Poetizado** (Poesia e prosa – 2002).
- **O Menino dos Olhos Maduros** (Novela e poesia – 2002).
- **Virgem Santa sem Cabeça** (Romance e poesia – 2002).
- **Cabine 33** (Romance e poesia – 2004). Foi indicado para o vestibular da Faculdade de Administração de Santo Antônio do Monte (FASAM) nos anos de 2005 e 2007.
- **Lógica das Borboletas** (Romance e poesia – 2007).
- **Jardim de Corpos** (Romance e poesia – 2009)
- **Quando a Vez é do Mar** (Romance e poesia – 2012).
- **Poesia de Romance e Outros Versos** (Poesia – 2013).
- **Tempo Impresso** (Poesia e artigos de opinião publicados em jornais).
- **Desmemória de Horizonte** (Romance e poesia – 2017).
- **Bodas de Bule – Café Sem Pó** (Poesia e Novela – 2019).
- **Menos olhos, menos chuva & Grãos de loucura** (Poesia, frases, novela – 2022).
- **Jenipapo no Ponto** (Romance e poesia – 2022)

TÍTULOS INFANTIS

- **Duducha e o CD de mortadela** (Livro Infantil – 1ª edição, 2009;

2013, 2ª edição).

- **Lelé, a formiga travessa** (Livro Infantil – 2013).
- **O guarda-chuva do Simão** (Livro Infantil – 2015).
- **Beijoaria** (Livro Infantil – 2017).
- **A tartaruga Georgina** (Livro Infantil – 2018).
- **AGENDA** (Livro Infantil – 2020).

ANTOLOGIAS E COLETÂNEAS

- **Poetas del Mundo em Poesias** (Volume I – abril de 2008 –, Editora Gibim).
- **Galeria Brasil 2009 – Guia de Autores Contemporâneos** (Livro organizado pela entidade Celeiro de Escritores e publicado pela Editora Sucesso, São Paulo/SP).
- **Antologia da Associação Internacional Poetas del Mundo** (Volume I – setembro de 2011).
- **Lumens em prosa e verso** (Antologia ALB-Mariana, Aldrava Letras e Artes e Inbrasci-MG – dezembro de 2011).
- **CAFÉ-COM-LETRAS: Revista Literária da Academia de Letras de Teófilo Otoni** (Nº 12, dezembro de 2014).
- **CAFÉ-COM-LETRAS: Revista Literária da Academia de Letras de Teófilo Otoni** (Nº 13, dezembro de 2015).
- **Antologia Fernando Pessoa e Convidados** (Editora Mágico de Oz, uma produção com a participação de autores brasileiros e portugueses – setembro de 2020).
- **LITERATOS VOLUME I** (V Prêmio Literário Gonzaga de Carvalho, realização da Academia de Letras de Teófilo Otoni – ALTO, outubro de 2020).
- **Antologia Prêmio Melhores do ano 2020** (organizada pela Associação Internacional de Escritores e Artistas – LITERARTE, 25 de novembro de 2020).

A morte põe fim à competição
desenfreada, abrindo caminho às flores,
ao reconhecimento e às homenagens.

O desdém para com professores,
intelectuais, artes e cultura assinala
bem o império da baixa mentalidade
na sociedade brasileira.

Quem de alguma maneira contribui
para dificultar ou inviabilizar a vida
das futuras gerações, merece o
menosprezo da sociedade.



*Festival de Literatura
de Santo Antônio do Monte*

**“De Santo Antônio do Monte eu venho
É a terra que retenho no olhar
É o par de olhos do meu passo errante...”**

C. L. Gontijo



FLISAMONTE/2019, UM MARCO EM NOSSA VIDA NO MUNDO DAS LETRAS

Carlos Lúcio Gontijo

Nos dias 06 e 07 de junho de 2019, Santo Antônio do Monte realizou o seu Festival de Literatura, com enfoque sobre a nossa obra “poético-literária” constituída então por 22 livros e duas segundas edições. A ousada ideia de homenagear autor da terra partiu da Secretaria de Cultura, através da secretária Margarete Resende e sua equipe (Marisa Campos, Vilma Antônia da Silva e Fernando Gonçalves), que contou com o indispensável apoio da Secretaria de Educação, na pessoa da secretária Márcia Bernardes, mobilizando toda a rede escolar do município, inclusive as escolas rurais, que mergulhou com afinco e extremo interesse educacional em nossos cinco livros infantis.

A abertura foi realizada dia 06 de junho, pela manhã, no salão da indelével e popularmente conhecida “Escola da Dona Maria Angélica de Castro”, onde cursamos o ensino médio. À noite, dirigimo-nos até a Escola Municipal Waldomiro de Magalhães Pinto, na qual fizemos o ensino fundamental, para assistir a uma festa junina com temática em torno de nossos livros. Ali encontramos um enorme bolo com a figura de casal representando os nossos 40 anos de casados com a companheira e parceira Nina; crianças com camisas estampando mensagens e figuras relativas a obras infantis como “Beijoaria”, “Duducha e o CD de mortadela”, “Lelé, a formiga travessa”, “O guarda-chuva do Simão”, “A tartaruga Georgina”. Foi emocionante constatar e perceber a clara alegria dos alunos, que demonstravam no brilho de seus rostos o sucesso da adesão espontânea e bem preparada por suas competentes professoras – aspecto que foi absolutamente marcante em toda a programação do FLISAMONTE/2019.

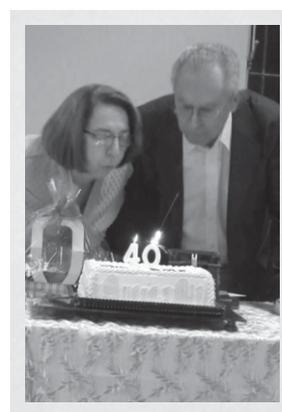
Ao passo que festividades ocorriam dentro das escolas, uma biblioteca volante, à qual destinamos 320 exemplares de livros de nossa autoria para distribuição gratuita, percorria os educandários levando obras de diversos autores, provocando muito interesse devido à oportunidade de ganhar, por sorteio ou

competição (soletrando) livro de graça do escritor homenageado, cujo nome a criança trazia na ponta da língua.

Já no dia 07 de junho, tivemos pela manhã a repetição de belíssimas apresentações de alunos da rede escolar santo-antoniense e à noite, fechando a manhã raiada pelo FLISAMONTE, aconteceu o lançamento do nosso livro “Bodas de bule – Café sem pó”, com a presença de grande público, sob a cobertura jornalística da Revista Ágora, jornal Gazeta Montense e site da Prefeitura Municipal. A solenidade contou com apresentação de vídeos (meus filhos Amanda e Lucas; o amigo historiador Evaldo Oliveira, de Arcos; a poetisa Biláh Bernardes, que declamou poemas nossos; o compositor Ronaldo José Lauria, que interpretou poema nosso musicado por ele e canção baseada no enredo de nosso romance “Virgem santa sem cabeça”); o poeta Harildo Ferreira dissertou sobre nossa obra; as secretárias Márcia Bernardes e Margarete Resende concluíram as participações, liberando o público presente para um saboroso coquetel/café colonial, ao som do grupo musical “Os Hipertensos”.

O evento contou com as presenças de inúmeros cidadãos santo-antonienses, além de amigos e leitores de Belo Horizonte, Lagoa da Prata e Araújos, que ajudaram na construção de relevante momento de confraternização cultural, que ficará para sempre registrado em nossa memória de autor homenageado em vida por sua gente, eternamente cantada no poema “Sangue Montense” – musicado pelo saudoso maestro Otaviano José Coimbra Batista (o querido Vai) e que é tão maravilhosamente interpretado pelo Orville Oliveira, o popular “Bibi”.

Enfim, sob o intenso contentamento proporcionado pelo FLISAMONTE/2019, podemos dizer, com toda confiança e propósito de alma, que nossos passos lavradores sulcam o chão, onde semeamos livros como se fossem sementes, motivados pela certeza de que, ainda que seja infértil o solo – muitas vezes dominado pelo pó da ignorância, compensa o esforço da aração, pois no meio do caminho as pedras podem ser esboroadas com o auxílio sensível de gente capaz de algum reconhecimento honesto, como é o caso de todas as pessoas envolvidas com a organização do Festival de Literatura 2019 de Santo Antônio do Monte.



MEUS LIVROS SÃO O REGISTRO DA PRESENÇA GRÁFICA DE MINH'ALMA

Ao ser autor homenageado pelo FLISAMONTE/2019 (Festival do Livro de Santo Antônio do Monte), realizada nos dias 6 e 7 de junho, nossa obra no mundo das letras encontrou abrigo no chão da infância.

Se perco pessoa que me ajudou na caminhada literária (como a saudosa professora Mércia), sinto lágrimas em prosa e verso caírem dentro de mim.

CHAVE DA SAUDOSA MÉRCIA CAMPOS

Terna ave mensageira da boa educação
Mércia Campos foi eterna luz estradeira
Claridade fagueira de bando de pirilampos
Divina fogueira ardendo em benfazeja lição
Mércia permanecerá espiritual porção viva
Onde houver aluno, assento, lousa e giz
O olhar atento de feliz professora dedicada
Sob o dardo de esperança de sonoro amanhecer
Fardo doce de quem leva nas mãos a chave do saber!

Carlos Lúcio Gontijo



NO DIA EM QUE TERMINEI PRESO NUMA FESTA JUNINA

A minha ESCOLA WALDOMIRO DE MAGALHÃES PINTO, onde cursei o ensino fundamental (à época chamado ensino primário), sob o “comando” da diretora Sibeles Melo e um conjunto de professoras tão competentes quanto entregues à sublime arte de ensinar, prestou-me uma homenagem inesquecível, ao ligar o meu nome à festa junina realizada no dia 06/06 de 2019, colocando minha obra infantil como pano de fundo para o evento integrado à programação do Festival de Literatura de Santo Antônio do Monte.

Logo ao chegar, eu e Nina experimentamos a alegria de nos deparar com um bolo em nosso louvor. Sobre as mesas estavam arranjos com ramos de pé de café e, na mesa em que sentamos, um lindo bule, numa referência ao nosso livro mais recente, intitulado “Bodas de bule – Café sem pó” e, também, singela lembrança de nossos 40 anos de casados comemorados no dia 5 maio de 2019.

Foi encantador, ao lado da secretária de Cultura (Margarete Resende) e Marisa Campos, assistir de perto ao sucesso de

meus livros junto à criançada portando camisas com a capa e frases de obras como “Duducha e o CD de mortadela” e “Beijoaria”. Emocionei-me, ao tomar ciência de que um aluno, ao perder o avô, lançou mão do enredo do “Beijoaria” para prestar uma homenagem ao ente querido.

Na festa havia uma professora vestida de policial, que prendia e algemava sem qualquer aviso e baseada em causas aleatórias. Eu terminei preso por ter escrito livros demais e divertido pouco na vida. Fui levado sob uma forte coação para a cadeia e foi anunciado, pelo locutor do evento, que eu só sairia da prisão se a minha esposa Nina pagasse R\$5,00. Pois bem, um grupo revoltado de crianças queria me tirar à força da prisão, não admitindo que fosse trancafiado o homenageado da festa, mas uma garota chamada Sabrina pagou a quantia estipulada para minha soltura; quando a Nina chegou eu já estava deixando as grades.



Grãos de Loucura



Aos meus avós paternos e maternos,
Antônio Lacerda Gontijo e Venina Gomes;
Joaquim Alcides Pereira e Francisca
José Rodrigues, por terem semeado no
canteiro da carne os seres humanos
José Carlos Gontijo e Betty Rodrigues Gontijo
(um mineiro e uma mato-grossense), que se
encontraram pelos caminhos do destino,
casaram-se e se transformaram em meus pais.

PREFÁCIO A QUATRO MÃOS

Por Robson Gurgel* e Giuseppe da Costa**

“Não fica louco quem quer” (já disse Jacques Lacan, importante psicanalista francês) ou o ser humano nasce com uma estrutura psicológica predisposta à loucura, ou o meio em que vive, os estresses, as angústias, as decepções, que provocam a sobrecarga emocional o transporta para o caos do desajuste mental, ou algum estado parecido. São os grãos de loucura nossa de cada dia. E como cuidar desta loucura? Grandessíssimo é o desafio.

Na novela que segue, GRÃOS DE LOUCURA, o competente autor Carlos Lúcio Gontijo, sempre atento às questões do coração, da política, da espiritualidade, não apenas nos faz refletir com profundidade sobre um conjunto de temas que concorrem para nos “enlouquecer” no dia a dia, como também nos aponta caminhos, tão humanamente possíveis, onde o acolhimento humano será importante nestes cuidados ao ente querido adoecido.

A novela retrata a vida de uma família do interior no centro-oeste do estado de Minas Gerais. Seus protagonistas são o casal Venância e Antoniele e seus filhos. Ela, professora, ele e seu filho adolescente, trabalhadores rurais, lutadores incansáveis para a sobrevivência. Pessoas vitimadas pela falta de políticas justas, que tanto esfolam o pequeno lavrador, obrigando-o a trabalhar sete dias por semana, e cujos rendimentos não lhe possibilitam oferecer um conforto mínimo à sua família. Este é um retrato persistente em nossa realidade brasileira, que segundo o autor, continua a ser a consequência da incompetência dos governantes, que tanto maltratam os trabalhadores, assim como a educação, o meio ambiente e muito mais.

Seria uma novela comum, se não nos propusesse a grande reflexão ética sobre valores e princípios éticos, tão vilipendiados na atualidade. A mãe, a professora incansável, endossa a importância dos valores e alicerces éticos fundamentais em qualquer sociedade, ou seja, honestidade, dedicação,

empatia, voluntariado, amizade, alteridade. O enredo é uma ode ao doar-se com fé, com crença em Deus e pelos bons princípios para se viver com paz no coração.

A arte da música e da poesia permeia todo este ambiente sofrido, como uma das grandes possibilidades de renovação, de relaxamento, de tranquilizar-se internamente. As personagens convivem com a música do piano, tocada ao anoitecer pela mãe, que também a eles apresentou a fé em Deus e as orações, como um dos grandes alimentos espirituais. Nosso ser é formado de matéria e espírito, e a saúde emocional é a grande mantenedora do corpo hígido, fortalecido e pronto para conviver com os embates da vida.

A novela também trata, com muito zelo, um tema sempre evitado por todos nós: a morte. A morte de um filho, perda com uma dor tão imensurável, é tratada com o devido respeito, e interrogações, próprias do ser humano. A vida tem um tempo indefinido, é um presente de Deus, que nos emprestou o planeta Terra para cumprirmos nossa trajetória, e cuja indefinição nos angustia, por isso é importante continuar a produzir aquilo que nos emociona, sem prejudicar o outro. Esta passagem nos possibilita refletir e fazer reverência a Deus, do tempo que nos foi destinado neste plano terreno.

Antonieie perdeu um filho e ganhou uma amante: a Insanidade. E como é amarga a Loucura. Porém, mais amarga é a perda do ente querido. É esse o maior dissabor. A loucura às vezes tem cura. Ou seria mais sensato viver noutra dimensão para anestesiar essa grande dor?

A toda hora somos surpreendidos pela vida, e pelas vidas que estão juntas de nós. Seja por mudanças tecnológicas, ou mudanças no corpo, ou em nossas motivações pessoais ou nas relações interpessoais. Somos desafiados a apreender, a conviver e aceitar o que nos é imposto. “O novo sempre vem”, já disse uma música popular. “Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará as suas próprias preocupações. Basta a cada dia o seu próprio mal” (Mateus 6:34).

A professora Venância, líder da família e na comunidade, é um exemplo vivo desta filosofia, de aceitar / lutar / compreender

/ reverenciar e transformar-se, sem nunca abrir mão de valores éticos, norteadores da boa convivência grupal. A novela é um grande presente aos leitores, pois nos possibilita uma reflexão sobre a convivência familiar, a fé em Deus, o acolhimento, a amizade e também nos dá a oportunidade de reflexão sobre o papel das políticas públicas que tanto nos atingem, nos agridem e nos moldam, podendo nos fazer sentir culpados de nossa miséria.

E quem é o autor dessa obra, juntamente com mais outras 23 safras literárias, esse Agricultor das Palavras, Semeador da Cultura, Distribuidor dos Frutos dos seus Sentimentos?

Eu diria que o seu nome próprio é: Carlos “LÚCIDO” Gontijo.

Um cidadão de todas as Letras, a começar pelo Jornalismo. Profissão que escolheu e tão bem representa com Paixão e Profissionalismo. Em seus 30 anos de ofício, trabalhando no DIÁRIO DA TARDE e outros jornais, retratou o realismo das notícias com o seu peculiar senso crítico, mantendo-se sempre fiel à Ética e à Verdade em seus artigos e editoriais.

Com esse curriculum, a Literatura também o escolheu. E cômico de sua missão literária, não brinca com a realidade. Expõe as suas mazelas e dores, mas nos direciona ao caminho do altruísmo, com a luz da Sabedoria.

Com admiração e respeito,

(*) *ROBSON GURGEL*
(Psicólogo e poeta)

(**) *GIUSEPPE DA COSTA*
(Poeta)



“Doce” era o nome de um pedaço de chão avermelhado, feito rubi, encrustado na palma das mãos geográficas do horizonte de um bucólico canto, localizado no centro-oeste de Minas Gerais. Em tempo de sol a poeira invadia as casas e, na época de chuva, atravessar as ruas enlameadas relembra a façanha bíblica de cruzar o Mar Vermelho.

Venância fazia um esforço imenso para manter a casa sempre limpa, pela qual transitavam sete filhos, que não sossegavam minuto algum, pois a sede de viver lhes ardia no peito ao feitiço de sol no horizonte.

Na parede central do alpendre um poema em letras vermelhas ilustrado por desenho do Sagrado Coração de Jesus. O poema não tinha autoria conhecida e foi encontrado por Venância há muitos anos, num banco de Igreja. Ela até tentou encontrar o dono; mandou anunciar no serviço de alto-falante do cinema local, indagou a muitas pessoas, mas nunca obteve êxito. Então, como homenagem ao poeta desconhecido, os versos foram expostas como um cartão de visita bem à porta de entrada da casa que dava abrigo à sua família:

TRIGAIS DE LUZ

Diante de visão sem a cruz da jornada humana
 As galáxias são divinos trigais da mais pura luz
 De que se alimenta o santo espírito que faz jus
 Ao pão da eterna bela vida prometida por Jesus.

O marido Antoniele trabalhava duro na fazenda que herdou do pai. Não era terreno grande, pois que na juventude vendeu parte dele para gozar a vida. Na década de 1940 possuía carro, com o qual desfilava pelas cidades da região, trajando terno de linho branco e um esvoaçante lenço vermelho no pescoço,

arrancando suspiros nas moças casadouras.

Contudo, quando resolveu se casar, Antoniele já não possuía riqueza e a companheira escolhida vinha de origem humilde. Venância havia sido criada em Luz, por casal que a acolheu depois da morte da mãe. Venância tinha tanto amor e gratidão pelo padrinho de batismo e pai de criação, que a um dos filhos deu o seu nome: Modesto.

— Antonielinho, o almoço está pronto. A marmita tem o suficiente para você e o Josélio. — Anunciou Venância ao marido às cinco horas da manhã, enquanto despertava o filho mais velho.

— Nossa, minha mãe, como está frio! — Protestou Josélio.

— Anda, menino, seu pai já está à sua espera!

— É mãe, eu adoro as manhãs, mas gostaria que elas não acontecessem tão cedo. — Brincou Josélio.

Assim que o marido e o filho saíram para a labuta na roça Venância deu uma ajeitada na casa, preparou o café e chamou os outros seis filhos para enviá-los à escola.

Venância sentia sempre uma dorzinha na luz da alma de mãe pelo fato de o filho mais velho (e tão novo) ter que ajudar Antonielinho na roça. Mas não havia solução; o dinheiro era pouco, muitas bocas para comer. Não havia como pagar alguém para ficar direto na fazenda. Antoniele trabalhava com afinco e Venância, ainda que a contragosto, não abria mão de ver o filho Josélio acompanhando o pai. Sempre dizia: — Se acontecer algum imprevisto o Antonielinho tem o filho para sair em busca de socorro.

Enquanto a meninada estava para a escola, Venância cuidava de incrementar o almoço que havia feito para o marido e o filho, pois seis bocas famintas chegariam ao meio-dia.

Quando os filhos retornavam ao lar, Venância já não estava em casa. Era professora, carregando a fama de precursora da educação no Doce, lugarejo em que as amarguras se desfaziam sob o cadinho da confraternização e da amizade entre os cidadãos e cidadãs.

À tarde, ao voltar para casa, Venância encontrava a cozinha arrumada pelas filhas Cristiane e Raísa. Modesto, Geraldino, Dalmir e Lúcio haviam varrido o quintal, cuidado das

galinhas e tratado dos porcos.

Pouco depois, chegavam Antoniele e Josélio, exaustos com a lida na roça. Josélio tomava banho, comia apressadamente alguma coisa e ia para aula noturna, num admirável esforço de quem tinha vontade de vencer na vida.

Então, sob a clava da harmonia de seu lar, Venância se dirigia ao piano – uma de suas paixões na vida – e punha-se a tocar à luz de lampião, embalando o sono da família, enquanto esperava pelo filho Josélio. O Zezé querido, que deixava a sala de aula iluminada por vários lampiões e a passos ligeiros caminhava pelas ruas que contavam apenas com o clarão da lua.

Mãe de extremada ternura, Venância então servia ao filho alguma quitanda com café, com a alegria de quem havia cumprido a contento a sua missão, lutando contra as intempéries às quais transforma em sinfonia de aprendizado musical, sob a mais absoluta certeza de que somos uma espécie de árvore, planta espiritual (em carne e ossos) semeada no planeta Terra pelo Criador, que como maravilhoso jardineiro uma vez ou outra nos poda, não por maldade ou punição, mas em prol de nosso crescimento espiritual.

Venância então fazia suas orações, ajoelhada perante pequeno oratório, pedindo ao Sagrado Coração de Jesus que mantivesse sua família sob a proteção de sua divina luz. Enfim recolhia-se ao leito – rio de sonhos a desaguar no mar de outro dia, no qual navega a caravela do ensinamento de que todo sucesso pessoal que custa a infelicidade da família sempre se transforma em fonte de retumbante fracasso.

A esperança não abandona os que caminham abastecidos pelo suor do próprio rosto.

Aos sábados e domingos, Venância se entregava ao exercício do catolicismo na administração da Congregação Sagrado Coração de Jesus com tal devoção que até parecia que Jesus Cristo se esquecia da cruz e ia confraternizar-se com os fiéis e comer guloseimas com a criançada nos intervalos do catecismo.

No Doce a professora Venância, baixinha e elevada estatura moral, era respeitada como cidadã e exemplo de conduta para todos, uma vez que, apesar de todas as dificuldades, mantinha, juntamente com o marido Antoniele, o seu lar sob o manto da alegria e da esperança, que não abandona os que caminham abastecidos pelo suor do próprio rosto. Não era fácil para Venância dar cabo a tantas tarefas. O seu querido Zezé só não tinha que acompanhar o pai à fazenda nos dias de domingo. Era substituído por um amigo da família. Homem claro e alto, apelidado de “Alemão”. Se alguém o chamasse de Anésio, ninguém no Doce saberia de quem se tratava.

Dessa forma, aos domingos, Zezé costumava colocar sua fase de criança em ação, tirando o atraso de suas peraltices. No Doce existia tão somente um velho caminhão, que vivia circulando pelas poucas ruas carregando entulhos, bugigangas, fazendo mudanças etc.

Damião era o dono do velho caminhão. Bom mecânico, ele montou o veículo comprando peças aqui e acolá no período da segunda guerra mundial (entre 1939 e 1945), em momento que tudo era difícil e exigia muita criatividade para se garantir a sobrevivência.

— Hitler joga bomba, ao passo que eu, na santa paz, faço essa carcaça deslizar sobre rodas! Acontece que Zezé estava disposto a roubar a paz do caminhoneiro.

Havia chovido a manhã inteira. A meninada se pôs a manusear o saibro, vermelho como o fogo da peraltice, para fazer guerra. Era bolada de lama para lá, bolada de lama pra cá. Ao ver o caminhão entrando na rua da algazarra, Zezé teve a ideia de mirar o para-brisa e mandar brasa. E tiburum – acertou em cheio! Damião perdeu o controle da direção e bateu no tronco de enorme árvore. Logo a notícia correu a cidade.

Raísa corre até a igreja onde estava a mãe Venância e contou, sem pestanejar, a arte do irmão Zezé.

— Você tem certeza de que foi ele?

— Não tenho dúvida alguma! — Respondeu Raísa.

Apressada, Venância deixou a igreja e foi logo conversar com Damião, apresentando-se disposta a se responsabilizar pelo valor do conserto. Isto feito, foi para casa acertar as contas com o Zezé, que já estava ciente da punição.

Zezé, em desespero, teve a ideia de escalar um pé de mamão. Ao vê-lo abraçado ao mamoeiro, Venância não se desgastou em xingamentos. Pegou um banquinho, agulha e a blusa de croché em que trabalhava, assentando-se sob o mamoeiro. Olhou para cima e disse: — Não adianta, Zezé. Você vai se cansar e, quando descer, eu vou estar aqui!

Então a hora chegou e o amado filho Zezé levou aquela coça.

É difícil conviver com gente que insiste em se esconder no que não é, vivendo no mundo das conjunções: mas, porém, contudo, todavia, entretanto.

A vida seguia sem fresco. Sobravam dias no mês, o que Venância e Antoniele ganhavam mal cobria as despesas com alimentação. Professora e pequeno fazendeiro trabalham com o semeio de conhecimento e alimento, produzindo cultura e garantindo comida à mesa, mas os governantes não ligam para isso. Os produtores são surripiados pelos atravessadores e os professores são maltratados pelos governantes, que não se interessam pela melhoria do grau educacional da população, por acreditarem que população instruída não aceita servidão nem pelourinhos disfarçados e apresentados como benefícios.

Venância sempre procurava caminhar dentro de seu idealismo, tanto na escola como na igreja. Repetidamente dizia a seus alunos: — Sejam amigos de quem prestigia evento cultural, aprecia uma boa leitura, opina sem agredir, pratica o bem e ao outro vê como irmão. A inteligência emocional é indispensável ao direcionamento e aplicação do conhecimento adquirido na escola em benefício de toda sociedade.

A meta de Venância era ver um país habitado por gente consciente, que jamais deixaria a nação ser dominada por poder autoritário legitimado pela unção do voto democrático, gerando regime perfurocortante e inimigo de políticas sociais. A realidade nos indica (e ensina) que se um governo contabiliza investimento no bem-estar, saúde e educação dos cidadãos como despesa, desfaz-se a razão de sua existência. Mulher de fé, ela estava saturada em assistir a tanta gente (com Bíblia nas mãos) usando a religião para esconder anomalias comportamentais e ambições escusas de ascensão ao poder político.

Professora, Venância criava frases ligadas ao ensino de português. Quando chateada com a falta de posicionamento das

peessoas não dispensava o aforismo: — É difícil conviver com gente que insiste em se esconder no que não é, vivendo no mundo das conjunções: mas, porém, contudo, todavia, entretanto.

No vaivém cotidiano, Lúcio apareceu com uma dor abdominal do lado esquerdo, que foi se tornando cada vez mais insistente. Antoniele tirou um dia da semana para levar o filho ao médico, que receitou remédios para dor. Venância se dividia entre a preocupação com Lúcio e as provas de final de ano na escola em que lecionava.

Os dias se passaram e a dor que havia melhorado com os remédios indicados pelo médico voltou ainda mais forte. Apavorados, Venância e Antoniele resolveram levar Lúcio a Bom Despacho, onde o filho poderia contar com maiores recursos médicos.

Logo os exames indicaram grave caso de apendicite. Ao receberem a notícia, Antoniele exclamou:

— Mas doutor, a dor era do lado esquerdo!

— Isso acontece muitas vezes. A dor é de um lado, todavia reflete de maneira latejante do outro lado. — Respondeu o médico.

— Minha Nossa Senhora, e agora?! — Entrecortou Venância, com os olhos cheios d'água advindas do amor de mãe.

— O problema, afianço-lhes, é de altíssima gravidade. Vamos proceder à operação, mas nada podemos garantir. — Enfatizou o médico, evitando dar falsas esperanças.

Antoniele ficou no hospital, enquanto Venância, após demorado abraço no filho Lúcio, o mais novo da prole, correu até a bela matriz de Bom Despacho, pondo-se a rezar, clamando ao Sagrado Coração de Jesus que intercedesse por seu amado filho junto aos desígnios do Criador, ao qual certamente o rio de lágrimas de Venância deve ter chegado morno como leite de peito de mãe.

Aos pés do altar, Venância indagava: “Senhor, será que o espírito que habita meu filho cumpriu tão cedo a sua missão e evaporar-se-á como gota de orvalho à luz da manhã?!”

O fruto determina o fim da flor, que por sua vez renasce na semente que o habita.

Lúcio não escapou! Nessa hora não se sabe se a morte é o abraço da luz libertando o espírito do ser humano das escuridões mundanas, ou se é a escuridão privando a alma dos encantos da materialidade, fonte de alegrias, sofrimentos, encontros e desenganos que, ao final, se transformam no indispensável aprendizado, justificando nossa curta e breve passagem pelo planeta Terra.

A insofismável verdade é que o tempo cuida de nos revelar quem somos e põe tudo em seus devidos lugares ainda que não aceitemos ou não percebamos o seu cinzel invisível, esculpindo a realidade que cada um de nós merece experimentar.

Em síntese, o fruto determina o fim da flor, que por sua vez renasce na semente que o habita – que em nosso caso é o espírito residente no corpo humano (livre ou prisioneiro, não se sabe).

Pode-se afirmar que praticamente toda a cidade compareceu ao sepultamento de Lúcio. Ninguém jamais havia visto uma família em tamanho pranto. Antoniele, homem contido e discreto, não disfarçou sua dor, deixando-a verter-se em abundantes lágrimas. Mais espiritualizada e crente nos mistérios de Deus, Senhor de muitas moradas pelos Céus afora, Venância cuidava de consolar esposo e filhos.

— Chore minha família querida! Derrame todo o pranto neste momento, mas não se revoltam com o Criador. Não se esqueçam de agradecer ao Pai Celestial por nos ter premiado com a presença de Lúcio sob o nosso humilde teto, dando-nos a honra e o dever de abrigá-lo em nosso coração, onde permanecerá para sempre como uma boa lembrança eterna. — Filosofou Venância, como se estivesse a fazer oração de despedida,

enquanto seu filho, fruto pronto, era semeado no chão e, instantaneamente, colhido pelo Criador, que jamais abandona as sementes espirituais que cultiva no planeta Terra, visto por ele como lavoura de almas, gerando o fruto agridoce do aperfeiçoamento e aprendizado.

O tempo passou e feridas foram cauterizadas sob a luz do sol de cada dia. Nas teclas do piano Venância buscava refrigério para suas aflições de mãe e, ao mesmo tempo, embebia toda casa em licorosa sonoridade. Antoniele nunca mais foi a mesma pessoa. Tinha o olhar disperso e muitas vezes foi pego conversando com galinhas e gado na roça, numa evidente porteira aberta para a loucura.

— Antonielinho, parece que você não anda bem. — Avaliou Venância.

— Não tem nada não. Que tem demais falar com animais?! É melhor que dialogar sozinho. — Respondeu.

— Todavia, você não tinha esse hábito! — Recorreu Venância.

— Pode até ser. Contudo, se o espírito do Lúcio está por aí, quem sabe ele pode me ouvir por intermédio dos animais.

— Você só pode estar brincando, Antonielinho! Como pode conjecturar uma bobagem dessa proporção! Com tal despropósito e procedimento você está deixando o Zezé assustado. Para falar a verdade, ele anda até com medo de ficar com você sozinho na fazenda.

— Que nada Venância. O Josélio nem liga para isso.

— Está bem! Eu só estou lhe fazendo um alerta, porque a insanidade é processo lento. Chega lentamente, na forma de pequenas manias e vícios, até dominar os horizontes da mente. Ademais, não é nada demais procurar apoio, conversar com um amigo, com um grupo de apoio. — Descortinou Venância.

— Pode deixar, se eu achar que preciso, começarei a me abrir e confessar com você mesma, minha amada mulher. — Ponderou Antoniele, fechando as cortinas da conversa.

Nos casos de alcoolismo e consumo de drogas, as pessoas que mais sofrem são as que não bebem e não se drogam.

Seja no Doce ou qualquer outro lugar no país afora, os governantes em ação conjunta trabalham para que os pobres acreditem que eles são responsáveis por sua condição de miséria que, na realidade, advém da falta de oportunidade; uma situação intencionalmente construída e programada pelas elites dirigentes, objetivando a exclusão social da maioria das pessoas.

Venância entregou-se ainda mais às causas sociais. Preocupada com a anemia, passou a cultivar mudas de ora-pro-nóbis, que eram trazidas da roça por Antoniele e distribuídas às famílias carentes do pequeno povoado.

Cristiane e Raísa ajudavam na arrumação da casa e já conseguiam fazer almoço simples, liberando Venância para as aulas na escola, as obrigações na Congregação Coração de Jesus, além da coordenação de grupos de apoio comunitário, que tratavam de questões que iam do recolhimento de doação de roupas, calçados e mantimentos até reuniões em torno de assuntos emocionais e psicológicos.

Alcoolismo era o problema de maior incidência, mas havia também a ocorrência de viciados no uso de maconha. Venância aprendeu a importância da saúde emocional para a harmonia e paz familiar, pois nos casos de alcoolismo e consumo de drogas, as pessoas que mais sofrem são as que não bebem e não se drogam. Ou seja, bastava um integrante do núcleo familiar dominado pelo vício, para que a infelicidade e a desarmonia tomasse conta, alastrando-se feito erva daninha.

Diante do contato efetivo com tantas mazelas sociais, Venância ampliou sua preocupação com a própria família, que a cada ano assistia ao avanço das dificuldades materiais, uma vez que o seu salário de professora se mantinha escasso e insuficiente, enquanto Antoniele, apesar de todo empenho, pouco tirava do

pequeno terreno, que um dia foi grande e invejada fazenda.

O tormento interior de Antoniele debuxava aos olhos de Venância, que o sentia como folha vagando perdida e sem rumo no espaço da vida. A professora havia absorvido a lição cotidiana junto à comunidade e sabia que a fonte de toda deficiência mental é proveniente do sentimento de se estar só, deslocado e sem lugar neste vasto mundo. A síndrome é essencialmente comum no tempo de busca da adolescência, mas pode atingir adultos que, de repente, se veem sem chão, como no caso de Antoniele, que se culpava indevidamente pela morte do filho Lúcio. Ergueu na mente um pelourinho de culpas, arrastando grilhões de esbanjamento de recursos desde a juventude e, automaticamente, punindo-se perante a constatação de condição financeira desfavorável. Imaginava ele que, se dinheiro sobrando tivesse, teria levado o filho a Bom Despacho assim que as dores e primeiras cólicas apareceram.

Venância não falava nem chateava o marido com suas preocupações em relação ao sustento da família, mas esperava que, em algum momento, Antoniele percebesse por si mesmo que era hora de vender o terreno ao qual denominava de fazenda, por ainda estar preso ao passado. Venância sonhava com a possibilidade de que pudessem, com o dinheiro da negociação, montar um pequeno estabelecimento comercial, garantindo ao menos uma vida mais tranquila. Ainda mais que Zezé, auxiliar do pai nas tarefas da roça, acalentava o sonho de prosseguir os estudos.

**Grãos de loucura se acham incubados
no chão da mente de todos nós, esperando
que algum dia sejamos tomados pelo
choque de extremo aborrecimento e
profundo desânimo, para germinarem em
nosso cérebro.**

— É, Antoniele, você é exemplo da imutabilidade dos seres que se apegam a seus defeitos como se fossem qualidades. — Asseverou Venância.

— Para que tocar no assunto, mãe? Papai não quer buscar apoio, prefere ficar isolado. — Disse Geraldino.

— Mas não está certo, meu filho. Seu pai está semeando em si mesmo o veneno da solidão. E a solidão é sempre conselheira doentia. — Encetou Venância.

— Tenha calma gente, tudo será resolvido no devido tempo. — Protestou Antoniele.

— Por essas e outras é que acredito que Jesus Cristo não veio à Terra para reverter posicionamentos nem converter ninguém, mas anunciar aos bons, aos que amam e respeitam os seus semelhantes que eles não estão sós e que a perseguição e o ódio dos ímpios não lhes devem impedir de perseverar no caminho do bem. O bom fruto é sempre originário da árvore de boa raiz. Já pensou, Antonielinho, se todos que enfrentassem adversidades e perdas resolvessem deixar de agradecer a dádiva da vida com trabalho, permanente estudo, muita leitura, apoio às manifestações culturais, esperança e confiança nos desígnios de Deus?! — Embainhou a conversa Venância, enquanto Antoniele saía a passos largos para comprar sementes de milho e feijão, que haviam acabado de chegar ao lugarejo.

Era sábado à tarde e Venância ia assistir palestra de padre da Diocese de Luz sobre a família no contexto das deficiências mentais e dos vícios, que acabam envolvendo todos os seus

membros, que necessitam tanto de apoio quanto os afetados.

Venância ficou bastante impressionada com a história de dois amigos sócios em uma alfaiataria. Um deles morreu repentinamente de ataque cardíaco e no dia seguinte, sem mais nem menos, o outro amanheceu sob o domínio da insanidade e nunca mais se recuperou.

Explanou o sacerdote palestrante que os grãos de loucura se acham incubados no chão da mente de todos nós, esperando que algum dia sejamos tomados pelo choque de extremo aborrecimento e profundo desânimo, para germinarem em nosso cérebro. Ou seja, basta uma simples faísca para atizar o estopim da demência em qualquer um de nós.

Pode-se afirmar que, sem saúde mental e inteligência emocional, todos os conteúdos absorvidos pelo conhecimento nada valem. Por isso, temos tantos “doutores” incapazes de contribuir para a construção de uma sociedade melhor, perdidos no egoísmo, na vã superioridade irradiada pela luz opaca do diploma dependurado na parede.

É muito estranho a pessoa opor-se à adoção de políticas públicas favoráveis aos mais pobres e, depois, sair a dar esmolas e patrocinar sopões comunitários, numa atitude de aparente “bom cristão” que guarda semelhança com alguém à procura de reserva de mercado para o exercício da filantropia.

A verdade indiscutível é que enquanto o ser humano tiver que olhar o céu em busca de luz do sol e das estrelas, em vez de gerar claridade em si mesmo, deparar-nos-emos com a constatação de que estamos distantes da materialização do evangelho de Jesus Cristo em nossas vidas. Não demora muito e tudo será dominado pelo extremismo, que amplia a fúria existente no âmago de cada um. Por isso, na falta de cristãos verdadeiros, as igrejas se enchem de fiéis a todo o tipo de causas e interesses sociopolíticos.

Devemos preservar em nós o compromisso de sempre festejar a dádiva da vida, a tal ponto que, em caso de a hecatombe do apocalipse ou a morte natural escalada para todos nós baterem à nossa porta, nos encontrem com o horizonte do dia seguinte já preparado em nossos olhos, como testemunho de

nossa gratidão à graça da existência.

Os infortúnios não devem ser esquecidos, mas também não devem ser lembrados. O jardineiro cuida da árvore, mas é sempre a própria árvore que escolhe como crescer. Ninguém muda ninguém, o máximo que pode acontecer é o trabalho insistente em torno da escuridão e, se houver algum resquício de luz, ela florescerá – do vazio, recolhemos apenas o eco de nossa voz!

Cada um de nós deve ter em mente que apoiar e socorrer o próximo são deveres inerentes à nossa natural formação humana. Adeptos à exclusão social são avessos ao Cristo sem crucificação, pois necessitam de seu eterno sacrifício a lhes remir os pecados. Ao estender a mão para que uma pessoa se levante do chão, Deus é como se fosse extensão de seu braço. Assim, se é para fazer favor a alguém, faça-o com despreendimento e alegria. Não imponha ao beneficiado a condição de eterno devedor.

Venância ficou tão impressionada com a palestra do religioso que, ao deixar o salão paroquial, foi até a igreja orar por sua família, pedindo a Deus que livrasse seu núcleo familiar dos males capazes de lhes esboroarem a união e a fraternidade cristã: — Senhor dos Céus, se acaso o mal chegar, que seja encaminhada a divina solução, pois bem sei que a borrasca do destino pode recair sobre qualquer um de nós, a exemplo da morte, que é o imposto da vida, cruel, mas justo, porque é tributo que a todos alcança. — Rezou Venância.

A vida seguiu seu curso: destruir, desrespeitar, xingar, provocar e agredir permaneciam como maneiras e formas de os ignorantes demonstrarem sua pretensa força; o mar não virou sertão nem o sertão virou mar. A lição de todo dia servida à mesa da vida era – e eternamente será – que todos devemos ter em mente a busca da plena consciência, que é filha-irmã da visão desabrida em relação ao outro. Se a pessoa padece de “baixa mentalidade”, não importa quantos diplomas obtenha, pois estará sempre sob o domínio da mediocridade.

Tudo continuava em seu lugar até que um dia, já preocupada pelo adiantado da hora, com a escuridão jogando seu manto sobre as ruas avermelhadas e sem calçamento do pequeno

Doce, Venância assiste à chegada de Antoniele e Josélio – vindos da roça.

Josélio, aos prantos, segurava o pai pelas mãos. Por sua vez, Antoniele não dizia coisa com coisa. Num momento cantava, noutro murmurava palavras ininteligíveis, de repente chorava...

— O que se passa Zezé, o que foi meu filho?! – Interpelou Venância.

— Olha mãe, estávamos plantando feijão e milho e de uma hora pra outra, papai endoideceu.

— Como assim, Zezé?!

— Não sei mãe. Apenas lhe digo que foi muito difícil conduzi-lo de volta pra casa. Muitas vezes ele queria tomar a direção errada. Depois, assentava-se sobre qualquer pedra ou barranco: chorava, cantava e discursava olhando a amplidão dos horizontes. Nem deu para plantar todos os grãos. No embornal, está o que sobrou. Nunca fiquei tão desesperado e nem com tanto medo. – Disse Zezé com os olhos lacrimejantes.

— Graças a Deus você estava com ele, meu filho. Viu como eu tinha razão em lhe cobrar que acompanhasse e ajudasse o seu pai nas tarefas da roça? Já pensou se você não estivesse com ele?!

— Graças a Deus eu estava com ele, pois ele poderia se perder e até morrer afogado nas águas do rio que corta o nosso terreno. — Lembrou Zezé à mãe Venância, àquela altura rodeada pelos filhos mergulhados em lágrimas e entristecidos com a situação.

Naquele dia Venância não dormiu e os meninos foram pegar no sono bem tarde. O piano não tocou, toda a sonoridade se perdeu nas preocupações da professora que sabia que, solitária e inevitavelmente, lhe cabia tomar as rédeas da condução de seu lar.

Durante uns dois, três meses Venância se pôs a avaliar o que fazer. Não se fez de rogada e a todos os amigos pedia ajuda. Miguel, irmão de Antoniele, ao qual chamava de “Toinzinho”, não se furtou em ajudar. Venância não pestanejou em tomar a decisão de vender o terreno, que além de ser de pouco valor tinha a negociação dificultada pela crise econômica por que passava o

Brasil. Todavia, um “vizinho de cerca” se interessou e o terreno foi vendido. Antoniele assinou a transferência sem saber o que estava a assinar.

Miguel conseguiu vaga para internar o irmão num hospital em Belo Horizonte, onde ficaria recluso. Antoniele partiu e com ele se foram a alegria, a cantoria da família, o voo dos passos das crianças casa a fora... E Venância, quando dedilhava as teclas do piano, entoava chorosos acordes.

A professora e mãe amorosa, apesar das despesas com o marido internado em manicômio, enviou o filho Zezé, tão dedicado aos estudos, para estudar em Santo Antônio do Monte, onde ficou em casa de parentes.

— Mãe, aqui sou bem tratado, mas sinto muita saudade de nossa casa. Não tenho relógio, mas sei bem a hora de ir para a escola, escutando o badalar do relógio da Igreja Nossa Senhora do Rosário anunciar sete horas da manhã. — Carta de Zezé enviada à mãe, que fragilizada pelos infaustos acontecimentos, a leu sob copioso pranto.

Estava Venância na lida de tocar a vida, quando apareceu à sua porta, num dia ensolarado de verão, com poeira avermelhada impregnando a fachada das casas, tornando-as de uma só cor, um senhor trajando terno e gravata.

— Quero falar com Venância Gomes.

— Pois não, sou eu.

— Eu sou Valter Laureano. Venho em nome do hospital em que seu esposo Antoniele Lacerda está internado.

— De que se trata Sr. Valter? – Entrecortou Venância, ardendo em porquês.

— Acontece, Sra. Venância, que o hospital está aplicando em alguns pacientes, sob autorização de parentes ou responsáveis, uma medicação experimental. O tratamento tem obtido muito sucesso mas, como é comum em procedimentos experimentais, existem riscos.

— Quais riscos, Sr. Valter?

— Não queremos dar falsas esperanças nem lhe enganar, Sra. Venância. Apesar do grande sucesso, alguns pacientes pioraram e houve até quem veio a óbito.

— Meu Sagrado Coração de Jesus!

— Não entre em pânico, Sra. Venância. Trago comigo uma enorme lista de pacientes que foram bem-sucedidos e retornaram para casa com 90/95% saudáveis mentalmente. Deixarei com a senhora esta lista. Nela estão endereços de contato das famílias que retomaram o convívio com seus entes queridos. A senhora tem quinze dias para nos dar resposta, uma vez que a medicação é ministrada por especialista inglês que em breve deixará o Brasil.

O engravatado Valter Laureano foi embora, deixando nas mãos de Venância uma difícil decisão, para a qual ela chamou Miguel, que vinha inclusive ajudando-a com as despesas da casa. Em sua cabeça rodeavam mil orações e filosofias. Conjeturou ser aquela sua única opção e, ao ver os pássaros voando no quintal, levantou a tese de que o pássaro não é livre para voar; na realidade, ele é escravo do voo.

— Olha Venância, por mim, apesar dos riscos inerentes ao tratamento anunciado como inovador, devemos enfrentar os riscos. Assim, pelo menos, temos alguma esperança de recuperação do Antoniele, meu querido irmão Toinzinho.

— Nisso você tem razão. É melhor atirar alguma esperança sobre o marasmo tedioso em que vivemos. Muitas vezes chego a pensar que Antoniele jamais voltará para casa. Ou se retornar, nunca será o mesmo e então, estará conosco sem verdadeiramente estar.

E assim, envolvidos no clarão de grande esperança, optaram por enfrentar os riscos do tratamento. O prestativo amigo Miguel se dispôs a viajar até Belo Horizonte, levando autorização assinada por Venância ao hospital. Miguel era prova concreta de que a amizade sincera dura a vida inteira, ao passo que muitas amizades têm prazo de validade. E por maior que seja a boa vontade, sobressai o império do “nunca mais como antes”. A vida nos ensina que o exercício da hipocrisia, inveja e falsidade aniquila o ser humano, levando seus praticantes à infelicidade, doenças e traumas psicológicos.

A professora reuniu a meninada, Zezé veio de Santo Antônio do Monte, para anunciar-lhes a novidade diante do

oratório com a imagem do Sagrado Coração de Jesus, tendo ao lado um bauzinho com a sobra de sementes de feijão e milho que não foram semeadas e Zezé trouxe de volta para casa, no dia em que só o Criador sabe o motivo de ativação do estopim da loucura em Antoniele.

Sobre a tampa do bauzinho Venância colou um poema de sua autoria, feito após a venda do piano de que tanto gostava, a fim de custear a internação do marido e garantir a alimentação da família.

GRÃOS DE LOUCURA

**Se despertados os grãos de loucura
Uma passarada sai pelos vãos dos olhos
Num inesperado bater de asas cigano
Fazendo alvoroço no cérebro insano
Que absolutamente sozinho na cena
Recolhe as penas do lacrimajante ninho**

Era a primeira vez que os seus filhos – espiritualmente Lúcio também estava por lá – viam o pequeno baú.

— Agora sabemos o porquê de a senhora ter nos pedido cola. — Falaram em coro Cristiane e Raísa.

— Pois é, sem saber, vocês participaram da montagem dessa relíquia de nossas vidas!

Venância pediu ao filho Zezé para ler o poema depois das orações. E todos absorveram a lição de que poema é a arte de derramar sentimentos, sendo, portanto, uma espécie de prece.

Não demorou muito tempo para que Miguel chegasse com Antoniele capacitado a levar uma vida normal ao lado da família, que o recebeu de volta como o céu abriga as estrelas; como o mar abraça a doçura das águas dos rios; como a terra acolhe o grão, apesar das incertezas da germinação, se amargo ou “Doce”. Porém, não faz mal: todo amor concebido e desprendidamente experimentado é temperado pelo coração da alma, carregando em si mesmo saudáveis grãos (e graus) de loucura.

POSFÁCIO

“Uma literatura que nos serve de lanterna e boia”

Ádlei Duarte de Carvalho*

Conheci Carlos Lúcio Gontijo primeiro através da sua literatura. Li o seu “Jardim de Corpos”, publicado em 2009, e logo me interessei pela sua obra. Pesquisei outros títulos, encontrei alguns pelas bibliotecas de Belo Horizonte, depois fiz contato. Naquele tempo eu havia publicado dois livros. Gontijo já tinha uns doze ou treze. Mais tarde tive o prazer de conhecê-lo pessoalmente e foi então que entendi a sua escrita, muito fortemente voltada para o pensamento humanista e os valores humanitários.

A cada livro que leio do Carlos Lúcio Gontijo me convenço mais de que, se a vida é mesmo uma divina proposta evolutiva, sua literatura é instrumento de propulsão que o Alto me deu a conhecer.

Gontijo é um ser humano na melhor acepção da palavra. Um espírito extremamente preocupado com os dramas sociais, com a dor do outro, mas profundamente alicerçado na história e na vivência familiar. Que bom que alguém assim tenha, também, um dom incrível para manejar palavras! Não é incomum encontrar, na sua literatura, referências aos seus entes queridos, sobretudo à sua Nina, companheira de vida e de trabalho literário. Neste particular, aliás, o escritor enfrenta, com a serenidade de quem vê as coisas do alto da sua cátedra, uma onda do pensamento moderno que enxerga certa pieguice nas coisas do coração e torna o sentir quase um ato de heroísmo. Sem se importar com isto, é no cerne do sentimento que o autor trabalha. Neste mundo em que flutuamos na superfície das coisas e, vez por outra, alguém se vê surpreendentemente tragado às profundezas obscuras de sua própria ignorância, ou da sua frieza, a palavra cuidadosa e sempre muito bem delineada de Carlos Lúcio Gontijo nos serve de lanterna e boia, para que nos mantenhamos sempre

atentos aos deveres de respeito, cortesia e amor para com o nosso próximo.

Neste livro em que celebra os seus setenta anos, o escritor não arrefece o tom das críticas sociais, mas também não deixa nas gavetas o amor que traz como traço indelével da sua personalidade. Em “Menos olhos, menos chuva”, título que deu à parte poética da obra, vemos seu olhar melancólico se debruçando sobre os dias atuais, obscuros até para os mais otimistas – mas aparentemente bons para os parvos e perversos –, a nos lembrar, por exemplo, que:

De Washington nos veio histórico cinismo ideológico
Na forma de consenso lógico do selvagem capitalismo
Pelo qual neoliberalismo escravocrata é a lei do senhorio
(...)

Noutra passagem, sem perder a toada, o escritor é mais filosófico:

Tira-me o sossego e o sono
Ver o mundo tão desumano
Tanta arrogância e tanto trono
É muito dono e tanto rei

Mas, também, no íntimo atormentado do artista – e todo artista é um ser atormentado – pulsa o amor que é, como dito, raiz de sua força. Isso se transfere à sua poesia:

O amor dá sentido às coisas
Sem ele tem-se apenas a dor
E a nada se vê por inteiro

Pois bem! Quem é habituado às letras, seja como autor ou leitor, sabe ou, pelo menos, supõe o quanto é difícil construir um livro de poesia. Mas, dono de singular poder imaginativo, Gontijo vai além e nos brinda, nesta mesma obra, com “Grãos de Loucura”, uma belíssima novela em que retrata as agruras de

uma família tomada pela dor, mas sustentada pela fé.

Aqui, mais uma vez alinhado às lutas sociais do nosso tempo, o escritor nos traz à convivência a figura de Venância, uma professora extremamente forte e espiritualizada que se vê surpreendida pela morte de um filho e pela decrepitude mental do marido Antoniele, fenômenos que lhe exigem esforços hercúleos para atravessar, com o restante da prole, essas espicaçantes expiações. Contudo, o amor e a fé a mantêm erguida e, ao final, o aprendizado é o grande legado que se extrai de todo esse cenário de lutas e esperanças.

Mas também aqui o autor chama a atenção para as questões político-sociais do momento, cunhando essa preocupação, inclusive, no perfil de sua personagem principal, a lutadora Venância, como se vê nesta passagem:

A meta de Venância era ver um país habitado por gente consciente, que jamais deixaria a nação ser dominada por poder autoritário legitimado pela unção do voto democrático, gerando regime perfurocortante e inimigo de políticas sociais.

Há uma crença que graça no pensamento raso da sociedade de que tanto se sofre quanto se ama. Essa ideia nasce da confusão que ainda se faz entre paixão – aquele querer doentio que sempre exige uma resposta do outro – e amor, a doação suprema de si mesmo. É disto que trata Gontijo na novela “Grãos de Loucura”, ao encarnar em Venância este sentimento sublime, capaz de vencer todos os obstáculos, por mais intransponíveis que pareçam. Livros assim têm que ser sempre louvados, porque necessários.

A quem já leu a obra e chegou a estas minhas palavras, nenhuma novidade sobre o que digo. Mas, a quem gosta de ver se o livro é bom folheando as suas últimas páginas, indico: leia! Você sairá dele melhor do que entrou.

(*) *Ádlei Duarte de Carvalho*
Poeta e romancista

ÍNDICE REMISSIVO

MENOS OLHOS, MENOS CHUVA

Andor das mãos	04
Dedicatória	06
Prefácio	07
Introdução	11
Amantes na moldura	15
Diagnóstico tardio	17
Casa do pão	19
Passado no presente	21
Tempo de visitação	23
Banca do mau gosto	25
Fim de festa	27
Derrocada	29
Vernáculo	31
O bom algoz	33
Aceiro	35
O governo e a saúva	37
Miséria cultural	39
Brasil infernal	41
Quixotes de luz	43
Ponto cruz	45
Discurso ao povo	47
Tutor familiar	49
Suástica invisível	51
O conciliador	53
Último suspiro	55
Era uma vez	57
Ideário	59
Cofre de mãe	61
O materialista	63
Prato do dia	65

A arte de escrever	67
Elevação	69
Verão desconhecido	71
Saudade	73
Falso cristão	75
Ninho de vento	77
Escravidão consentida	79
Razão de voo	81
Sala da língua	83
“O menino da porteira”	85
Doce mentira	87
Bom-bocado	89
Saga do covarde	91
Justiça tardia	93
Sepulcro	95
Patrimônio tombado	97
Mazelas capitais	99
Mamão ralado	101
Peão de luz	103
Palma da mão	105
Agência celestial	107
O quase morrer	109
Presença invisível	111
Viola enluarada	113
Misantropia	115
Trigal doméstico	117
Inimigo cordial	119
Bênçãos do Natal	121
Gramado da paisagem	123
Apocalipse	125
Culto na tevê	127
Missa pra alma	129
Seio de pai	131
Desrespeitadores	133
Sais de luz	135
Alicerce do espírito	137
Viola da vida	139

Fotos de família	141
Direito autoral	143
Piano intocado	145
Aniversariante	147
Lona da paixão	149
Espantos	151
Vício	153
Pedra no caminho	155
Mortos-vivos	157
Minas não há mais	159
O fim	161
Burocracia	163
Ouro em vão	165
Olhar eterno	167
Gratidão	169
Alicerce da riqueza	171
Olhar de câmera	173
Horário de mãe	175
Desesperança	177
Tapera	179
Safra de dor	181
Último suspiro	183
Combustível do Diabo	185
Coração felizardo	187
Morada do amor	189
Morte lenta	191
O livro e a estrela	193
Menu da existência	195
Estrela morta	197
Homem invisível	199
Cassino da vida	201
Vigilante solitário	203
Salões da infância	205
Conforto da alma	207
Tirania	209
Nas mãos de Deus	211
Miserabilidade	213

Gente descalça	215
Resto	217
Pequenez	219
Balcão da felicidade	221
Rio São Francisco	223
Janela do espelho	225
Pilão do tempo	227
Eternidade humana	229
Biblioteca do coração	231
Biografia	233
Obra literária	237
Artigo e fotos do FLISAMonte/2019	241
Meus Livros são o registro gráfico de minh'alma	244
No dia em que terminei preso numa festa junina.....	245

NOVELA “GRÃOS DE LOUCURA”

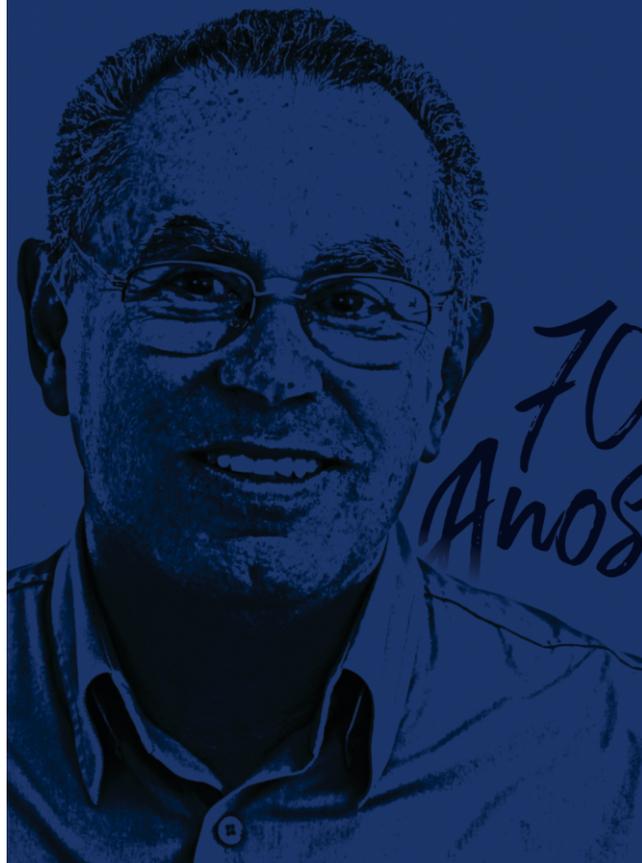
Prefácio a quatro mãos.....	249
Grãos de loucura - Parte 01.....	255
Grãos de loucura - Parte 02.....	258
Grãos de loucura - Parte 03.....	260
Grãos de loucura - Parte 04.....	262
Grãos de loucura - Parte 05.....	264
Grãos de loucura - Parte 06.....	266
Grãos de loucura - Parte 07.....	273
Posfácio	274

Somente os que se dispõem a arrancar
lua nova no chão de cada dia (com
as próprias mãos) ganham direito a
uma vida enluarada.

Não podemos ser a medida de nós
mesmos. É através do outro que
nos descobrimos e temos a noção
exata de nossas dimensões.

Como se fôssemos nuvens, o sopro
dos ventos cotidianos varre os mares
da existência, dando-nos uma face
nova a cada dia.

Cultura bem trabalhada se faz com
a proximidade, dentro da filosofia
de Tolstói: “Para ser universal,
basta cantar o seu quintal”.



*Nas academias autores imortais
embalsamam letras mortas...

*Os ignorantes diplomados, os maldosos
santificados e os perversos de fé constroem
os detalhes no reino do demônio.

*Pelo silêncio dos sábios sem causa
e donos das verdades sem alma, o
advento da roda quadrada está próximo.

*A certeza da escuridão costuma
doer-nos menos que a falsa promessa de luz!

www.carlosluciogontijo.jor.br

CLG
1977

Apoio:

(*)Carlos Lúcio Gontijo



DIÁRIO DE
Contagem
www.diariodecontagem.com.br

contagemTV
www.contagemtv.com.br